A Cobertura Jornalística do Campeonato da Europa de Andebol de 2024

Afonso Viana Santos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Jornalismo

Trabalho realizado sob a orientação de:

Professor Adjunto Convidado Pedro Marques Gomes

Lisboa, outubro de 2024

Declaração de Compromisso Anti Plágio

Declaro por minha honra ser o autor da presente dissertação, apresentada como parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original, baseando-se numa investigação integralmente própria, nunca tendo sido submetido, no seu todo ou em parte, a nenhuma outra instituição de ensino superior, no âmbito das condições exigidas para a obtenção de um grau académico, ou com outro propósito.

Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas e declaro ter consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Afonso Viana Santos

Resumo

A presente dissertação procura analisar a cobertura jornalística nacional do Campeonato da Europa de andebol de 2024, olhando para a imprensa desportiva e de informação geral impressa, assim como para os telejornais televisivos. No universo mediático português em que o futebol surge como a modalidade desportiva predominante, o que também se reflete nas investigações académicas sobre jornalismo desportivo, este trabalho centra a sua atenção numa outra modalidade, visando contribuir para um melhor conhecimento sobre a sua cobertura jornalística. Optou-se pelo andebol, por ser o terceiro desporto coletivo com mais praticantes federados em Portugal e, em particular, o campeonato europeu por ser a maior prova internacional desta modalidade ocorrida em 2024, na qual a seleção nacional portuguesa participou.

Assim, a partir da questão inicial "Qual o espaço dado ao Campeonato da Europa de Andebol de 2024 nos jornais desportivos, generalistas e nos telejornais?", estudamos as peças jornalísticas pelos jornais desportivos *A Bola*, *Record* e *O Jogo*, pelos generalistas *Público*, *Correio da Manhã* e *Expresso* e pelos telejornais de horário nobre da *SIC*, *TVI* e *RTP1*, entre o dia 10 e 30 de janeiro de 2024. Através da análise de conteúdo realizada, foi possível concluir que a seleção de Portugal foi o maior foco da cobertura da prova, sobretudo a partir do momento em que obteve resultados positivos. Foram também observadas diferenças claras entre o tratamento de informação, sobretudo, entre a imprensa desportiva e a generalista. Concluiu-se ainda que existiu uma falta de investimento, a diferentes níveis, na cobertura do europeu.

Palavras-chave: Andebol, campeonato europeu de andebol, jornalismo desportivo, análise de conteúdo.

Abstract

This dissertation seeks to analyse the national news coverage of the 2024 European Handball Championship, looking at the printed sports and general news press, as well as television news. In a Portuguese media universe in which football is the predominant sport, which is also reflected in academic research into sports journalism, this work focuses its attention on another sport, with the aim of contributing to a better understanding of its journalistic coverage. Handball was chosen because it is the third team sport with the most federated players in Portugal and, in particular, the European Championship, because it was the biggest international event in this sport in 2024, in which the Portuguese national team took part.

So, based on the starting question "How much space was given to the 2024 Handball European Championship in generalist and sports newspapers, and TV news?', we studied the news pieces in the sports newspapers *A Bola*, *Record* and *O Jogo*, the generalist newspapers *Público*, *Correio da Manhã* and *Expresso* and the prime-time television news programmes of *SIC*, *TVI* and *RTP1*, between the 10th and the 30th of January 2024. Through the content analysis carried out, it was possible to conclude that the Portuguese national team was the main focus of the coverage of the competition. There were also clear differences between the treatment of information between the sports press and the general press, and the Portuguese team only received some prominence when it achieved positive results. It was also concluded there was a lack of investment, at different levels, in the coverage of the European Championship.

Key words: Handball, European handball championship, sports journalism, content analysis.

Ao meu Avô, até sempre.

Agradecimentos

Aos meus pais, por me possibilitarem a realização de mais uma etapa académica, pelo máximo apoio que sempre me deram e por me guiarem na vida.

Ao meu irmão, pelo apoio incondicional.

Aos meus avós, pelo orgulho, pelo incentivo e pelo carinho.

A toda a minha família, pelo amor e paciência.

Aos meus amigos, pelos risos e suporte constantes.

Aos meus colegas de Mestrado, por serem companheiros desta viagem.

Ao Professor Pedro Marques Gomes, pela orientação inabalável, pela motivação e pela persistência.

À equipa do jornal *A Bola*, pelo auxílio na realização deste trabalho.

Índice

Declaração de Compromisso de Anti Plágio I

Resumo II

Abstract III

Agradecimentos V

Introdução 1

Capítulo I – Enquadramento Teórico 5

1.1 Jornalismo de Especialidade 5

1.2 O Desporto e o Jornalismo Desportivo em Portugal 6

1.3 O (pre)domínio do futebol 9

1.4 E o andebol? 13

1.5 Três jornais Desportivos 16

1.6 A (im)parcialidade do Jornalismo Desportivo 19

1.7 A ideia de "nação" no Jornalismo Desportivo 21

Capítulo II – Metodologia 25

2.1 A análise de conteúdo 25

2.2 *Corpus* de análise 25

2.3 Recolha e tratamento de dados 30

Capítulo III – Estudo de caso: Análise e discussão de resultados 32

3.1 Análise dos Jornais Desportivos 32

3.2 Análise dos Jornais Generalistas 48

3.3 Análise dos telejornais 58

Conclusão 66

Referências Bibliográficas 70

Anexos 74

Introdução

O jornalismo desportivo, tal como as outras especializações jornalísticas, enfrenta desafios particulares (aqueles que decorrem da sua área de especialização), que se somam aos do setor da Informação em geral. Recentemente, a resolução final do V Congresso dos Jornalistas (janeiro de 2024) alertou para o "estado de emergência do jornalismo nacional", concluindo que este momento "convoca todos a empenharem-se na busca de soluções e na união em torno dos princípios e valores que regem a profissão"[1]. Esse empenho passa também por uma reflexão acerca das várias formas, práticas e géneros jornalísticos.

A investigação que se apresenta nesta dissertação analisa o jornalismo desportivo a partir da cobertura de um acontecimento em particular (o campeonato europeu de andebol), procurando refletir sobre a sua relevância e, eventualmente, apontar algumas das suas fragilidades. Visa compreender melhor o jornalismo enquanto "representação discursiva da vida humana na sua diversidade de vivências e ideias" (Sousa, 2008, p. 5) e a "tribo jornalística" (Traquina, 2004) a partir de uma das suas especializações. De acordo com Fernando Tavares, apoiado na reflexão de Josep Maria Sanmartí, "o jornalismo especializado atua na construção de um nexo entre o conhecimento e a sociedade, contribuindo para a superação da fragmentação do primeiro nos dias atuais", o que "não aponta para o desaparecimento do saber fragmentado, mas para tornar comunicáveis as diversas parcelas do saber na sociedade da informação" (Tavares, 2012: p. 110).

Pensando, em concreto na especialização desportiva, Sobral e Magalhães (1999) afirmam que "escrever sobre desporto é tentar objetivar o subjetivo, procurar ordem no desordenado terreno das paixões. A natureza do jogo complica, uma partida de futebol, por exemplo, será sempre passível de diversas interpretações (…) a verdade, no futebol, é demasiadas vezes matéria moldável e multicolor" (p. 20). Além disso, os mesmos autores argumentam que o desporto tem um lugar muito destacado na sociedade: "Dizer que existe uma relação entre desporto e social é dizer pouco. O desporto é social, no sentido em que os dois campos se interpenetram e influenciam." (p. 20). Tanto que "os jornalistas e comentadores desportivos podem ser vistos como uma espécie de mediadores culturais", na medida em que "a sua capacidade de «penetração» na grande massa de cidadãos parece ser realmente muito maior do que a das diferentes elites intelectuais/culturais" (Coelho, 2001, p. 219).

[1] Retirado de: https://www.casadaimprensa.pt/NoticiaDetalhe/Resolucao-final-do-5o-Congresso-dos-Jornalistas/188.

Por outro lado, é necessário ter também em conta, como refere Rui Novais, que o jornalismo desportivo "oscila entre o imediatismo da oferta informativa ou cobertura noticiosa pura e a dependência do comentário de experts que participam na construção da perceção dos eventos" (Novais, 2010, p. 13). Para estudar o jornalismo praticado sobre desporto é essencial não perder de vista as características a ele associadas.

Apesar da importância já reconhecida do jornalismo desportivo, e de existirem algumas obras sobre o tema (e até cada vez mais dissertações de mestrado e doutoramento), este está longe de ser muito comum nas investigações das ciências sociais em Portugal. Como refere Francisco Pinheiro:

> "Tem sido dada pouca importância ao estudo dos processos sociais e culturais que ligam média e desporto, isto apesar da enorme importância e relevância que o desporto (nomeadamente o futebol) desempenha na sociedade portuguesa contemporânea. (…) A reflexão académica manteve-se afastada do estudo histórico sobre média e desporto ao longo do século XX, com extensão ao século XXI" (Pinheiro, 2024, p. 266).

Este trabalho tem como objetivo contribuir para um melhor conhecimento sobre o jornalismo desportivo praticado em Portugal. Todavia, uma vez que, nos estudos jornalísticos sobre a cobertura desportiva, a atenção recai normalmente no futebol (análise ao tratamento de clubes, competições ou jogadores, capas dos jornais, entre outros temas), procuramos introduzir um objeto de análise diferente, que possa acrescentar saber a este campo de estudo. Por isso, a opção foi a de estudar uma modalidade extrafutebol e, neste caso, o andebol, cuja popularidade tem vindo a aumentar no país.

Escolheu-se a análise da cobertura jornalística de um acontecimento particularmente relevante neste contexto: o campeonato europeu de andebol de 2024. Trata-se, pelo menos aparentemente, de um momento em que a modalidade adquire maior visibilidade e que suscita um interesse superior, pelo que procurámos aprofundar o estudo da sua cobertura jornalística. Os dados recolhidos não podiam ser mais atuais, já que se selecionou a mais recente prova internacional desta modalidade.

O investigador José Torrijos (2012) destaca, a este respeito, a importância da cobertura de competições desportivas por parte dos média: "a mediatização de competições contribui para a fomentação de determinadas disciplinas desportivas, incluindo as menos conhecidas (…) e traz retorno económico e notoriedade social aos meios que se dedicam a cobrir este campo

informativo" (p. 78). Tendo também presente esta constatação, o principal objetivo deste trabalho é o de estudar a cobertura, realizado pelos média nacionais, de uma competição internacional de andebol (a maior prova do ano), compreendendo as suas características principais.

Assim, a pergunta de partida deste trabalho é "qual o espaço dado ao Campeonato da Europa de andebol de 2024 nos jornais desportivos, generalistas e nos telejornais portugueses?". Relacionadas com esta primeira pergunta, surgiram outras questões a que procuraremos também responder. Quais as principais características da cobertura jornalística feita pelos órgãos de informação em relação a este campeonato europeu de andebol? Existem diferenças substanciais relativamente à cobertura de outras modalidades desportivas durante o período de análise? Quais são as principais diferenças e semelhanças na cobertura realizada pelos diferentes órgãos de informação escolhidos, designadamente entre os órgãos especializados e os generalistas?

Para responder a estas questões, selecionaram-se os três jornais desportivos nacionais (*A Bola*, *Record* e *O Jogo*), três jornais generalistas com linhas editoriais diversas (dois diários, *Público* e *Correio da Manhã*, e um semanário, o *Expresso*), nas suas edições em papel, e três telejornais de horário nobre de canais abertos (da *RTP1*, *SIC* e *TVI*), os quais foram analisados desde o dia anterior ao início do campeonato até ao dia seguinte à final da competição.

Foram criadas categorias de análise a partir das quais se realizou uma análise de conteúdo dos resultados, olhando para as formas como a seleção foi representada, para as tentativas (ou falta delas) de gerar interesse em torno de uma competição internacional e procurando mostrar os aspetos mais salientes da cobertura que foi feita.

O trabalho encontra-se estruturado em torno de três capítulos. O primeiro, de enquadramento teórico, aborda as características do jornalismo desportivo, a sua história, os seus discursos, a sua importância para o desporto em geral, e o destaque que se tem dado ao andebol. O segundo capítulo procura explicar a conduta metodológica do trabalho, identificando o *corpus* de análise e apresentando as várias fases do trabalho e a recolha de dados efetuada. O último capítulo, antes da conclusão, é dedicado à análise e à discussão dos resultados obtidos nesta investigação. A componente empírica deste trabalho foi estruturada tendo em consideração uma grelha com categorias de análise que definimos, a partir da qual se realizou a análise comparativa entre os diferentes órgãos de comunicação social. Por fim, apresentam-

se as principais conclusões desta dissertação, a bibliografia consultada e alguns anexos que ilustram aspetos da análise de conteúdo.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1.1 - Jornalismo de Especialidade

Esta investigação tem como foco de análise o jornalismo desportivo nacional, tanto da imprensa especializada como da imprensa e televisão generalistas. Assim, torna-se necessário, como Dominique Marchetii e Pedro Serra (2020) apontam, "mostrar como o campo jornalístico se estrutura em torno de uma oposição entre um polo «generalista» e um polo «especializado»" (p. 241), diferença essa que será explorada neste trabalho.

A especialização do jornalismo nasce das necessidades do público e dos órgãos de comunicação social. Se um leitor desejar um consumo mais aprofundado sobre um determinado tema (política, cultura, desporto ou outro), tende a haver um investimento por parte dos média no sentido de se especializarem no mesmo. Tal é defendido por Berganza Conde, para quem "a especialização jornalística é fruto, em grande medida, das exigências da audiência, cada vez mais diversificada e que exige que os conteúdos específicos – dependendo dos seus interesses – sejam explorados de forma aprofundada e com rigor" (Conde, 2005, p.35).

Por outro lado, os média também podem ter a iniciativa de apostarem numa especialização por motivos económicos, sociais ou políticos. Neste sentido, esta articulação entre o conteúdo generalista e especializado "recorre, por um lado, às propriedades do público (…) aos quais se dirigem os veículos de média e os jornalistas e, por outro lado, às propriedades dos próprios veículos e dos jornalistas." (Marchetti, 2020, p.242).

O jornalismo especializado norteia-se pelos "mesmos princípios e normas" do jornalismo generalista. Podemos, porém, caracterizá-lo "pela divisão de saberes, pela globalização e complexidade do mundo contemporâneo, considerando sempre públicos mais reduzidos" (Lourenço, 2024, p.37-38). O que o distingue é "um trabalho de análise, explicação e interpretação com rigor e pela utilização de uma linguagem adaptada, na medida do possível, ao público, assuntos e questões emergentes das diferentes áreas do saber" (Lourenço, 2024: 38). Para Mar de Fontcuberta, o jornalista especialista deve ter uma "experiência profissional suficientemente vasta e aprofundada na sua área de especialização" de forma a "garantir a adequada e fluida aplicação da forma jornalística e das formas específicas, bem como o profundo conhecimento desse área" (Fontcuberta, 1999, p.102).

No caso do jornalismo desportivo, este "assume uma posição complexa, uma vez que representa o discurso de uma forma de cultura popular através de outra forma de cultura" (Gouveia, 2024, p.279). Ou seja, explica Célia Gouveia, suportada em autores como Dahlgren

e Sparks, “o jornalismo de desporto não é um «produto cultural primário», mas um produto que deve transmitir informações secundárias sobre outro produto cultural” (Gouveia, 2004, p.279). Por isso, ao analisar a cobertura jornalística de um tema desportivo (a sua prática, um acontecimento, uma personalidade, etc.) é necessário ter em consideração que se trata de um domínio específico de saber com características particulares.

A especialização do jornalismo desportivo em Portugal destaca-se, na imprensa, pela existência de três órgãos de referência, *A Bola*, *Record* e *O Jogo*. Na televisão existem igualmente vários canais desportivos, enquanto outros média generalistas têm, geralmente, uma secção desportiva ou transmitem programas desportivos. Como lembra Dominique Marchetti e Pedro Serra, o destaque que cada órgão dá a esta especialização está representado no “espaço alocado, seja em tempo audiovisual ou em páginas escritas, o lugar na hierarquia de distribuição ou de publicação dos assuntos (em especial a presença na primeira página ou nas manchetes dos jornais)” (Marchetti e Serra,2020, p.249).

Ao analisar tanto jornais desportivos como jornais e canais televisivos generalistas, o objetivo deste trabalho é o de verificar o destaque que o europeu de andebol teve em cada um destes órgãos e se esse destaque variou (e como variou) entre os média especializados e os generalistas.

1.2 - O Desporto e o Jornalismo Desportivo em Portugal

Desde os seus primórdios que o jornalismo desportivo se confunde com a matéria que retrata, o que significa que grande parte da relação do público com o desporto passa pelos média e pelos consensos que estes criam e noticiam. Como lembra Célia Gouveia, “as regras e a forma como os jogos são jogados, os valores, as narrativas associadas, os clubes, as equipas e as rivalidades, o público que segue ou ignora, foram moldados pela ação dos meios de comunicação” (Gouveia, 2004, p.276). Este é, de facto, um aspeto que tem sido particularmente evidente no que respeita à cobertura noticiosa de grandes competições.

É, por isso, difícil separar o desenvolvimento do desporto nacional da evolução do jornalismo desportivo: “Entre os meios de comunicação social e o desporto nasce um «casamento» de interesses. O desporto faz vender e cria audiências” explica Vítor Rosa (2020, p.34), acrescentando que “o desporto não pode viver nem se desenvolver sem dinheiro e sem mediatização”.

Foi isso que se verificou no caso do desporto e do jornalismo desportivo português, como salienta um dos investigadores que mais tem estudado o tema, Francisco Pinheiro (2010),

segundo o qual "o crescimento do próprio desporto português esteve umbilicalmente dependente do apoio da imprensa desportiva – os média moldaram, em grande medida, o caminho que o desporto tomou na sociedade portuguesa" (p. 436).

O desporto sempre foi mediatizado em Portugal, atraindo uma audiência muito vasta. Desde logo, devido à capacidade de penetração que os média têm no grande público. Como explica Marcelo Palhares (2022), "o discurso público é formado (aquilo que se entende como 'opinião pública'), em grande medida, pelos discursos (e seus respetivos consensos) que são vinculados nos meios de comunicação social" (p. 58). Depois, é também resultado do benefício duplo que esta ligação traz para as duas partes. José Torrijos (2012, p.79) afirma que os "jornalistas desportivos informam sobre um género específico compreensível a todas as mentalidades através de uma linguagem universal que todos entendem" e que, por isso, o "grande volume de oferta que aglutina o desporto converte-o no produto jornalístico mais procurado e consumido pelos cidadãos".

Assim, os média desportivos beneficiam ao focarem-se na produção noticiosa de grandes competições desportivas, sobretudo aquelas que são disputadas entre países, já que isso "traz retorno económico e notoriedade social aos meios que se dedicam a cobrir este campo informativo" (Torrijos, 2012, p.78). Os média têm a capacidade de introduzir um tema na discussão pública, de gerarem interesse à volta do mesmo e, depois, de serem os responsáveis pela sua cobertura.

Os jornais desportivos em Portugal cedo se aperceberam disso e foram responsáveis pela organização de torneios relevantes no universo desportivo, logo no início do século XX: "Entre 1904 e 1906, o *Tiro e Sport* realizou uma forte campanha a favor do futebol, modalidade que estava na sua fase de arranque em Portugal, promovendo em Lisboa em 1906 o primeiro torneio interclubes (Bronze Viúva Alexandre Sena)" (Pinheiro, 2010, p.58). Uma taça que seria um dos primeiros troféus da história do clube Sport Lisboa e Benfica.

O futebol serviria, de facto, para a consolidação do jornalismo desportivo na sociedade portuguesa, como se explicará mais à frente, mas este esteve longe de ser a primeira modalidade a receber a atenção principal da imprensa nacional.

Quando começaram a surgir as primeiras publicações desportivas em Portugal, no final do século XIX, as modalidades que recebiam maior destaque eram a caça, a tauromaquia, a ginástica e o ciclismo (na altura denominado de velocipedia). Segundo Pinheiro (2010, p.23-24 e p.28) *O Jornal dos Caçadores* (1875), *O Toureiro* (1876), *O Gymnasta* (1878) e o *Velocipedista* (1893) foram as primeiras publicações desportivas a destacar uma modalidade em particular, e que comprovaram haver interesse tanto na sua prática como na sua divulgação.

No entanto, o nascimento desta especialização jornalística em Portugal conheceu algumas dificuldades. Desde logo, pela taxa de analfabetismo que assolava o povo português: "Em 1878, 79,4% dos portugueses maiores de 6 anos residindo no continente do Reino não sabiam ler" (Ramos, 1988, p.101). Mas os jornais ainda escreviam para um potencial público inferior aos 20,6% da população nacional que sabia ler, uma vez que a maioria das publicações desta época apenas circulava nos centros urbanos de Lisboa e do Porto.

Depois, nesta fase da história do jornalismo português, o jornalista desportivo não era sequer reconhecido enquanto profissional, sendo a função desempenhada por membros da classe alta da sociedade, que se podiam dedicar à escrita e à prática de desportos. Assim, na sua fase embrionária, o jornalismo desportivo português era praticamente feito pelas elites para as elites e, também por isso, tinha um propósito concreto: "O jornalismo desportivo era encarado com um certo espírito de missão, visando um bem maior (o da propaganda do desporto) em que o lucro dos periódicos (…) era quase sempre inexistente" (Pinheiro, 2020, p.56).

Além disso, a imprensa desportiva enfrentava dificuldades culturais. Tradicionalmente, a prática do desporto em Portugal estava limitada à nobreza, por serem os membros desta classe que "reuniam duas condições essenciais, tempo e dinheiro, para acederem ao «luxo» de se exercitarem" (Coelho e Pinheiro, 2002, p.44). Deste modo, o interesse pelo desporto não se encontrava generalizado, o que resultou na inexistência de qualquer publicação desportiva por mais de dois séculos. Segundo Coelho e Pinheiro (2002, p.47), desde 1641 até ao final do século XIX, foram editados 4707 jornais em Portugal antes de surgir uma publicação periódica desportiva.

Quando o jornalismo desportivo surgiu em Portugal (a primeira publicação inteiramente dedicada a este género não é consensual[2], mas terá ocorrido entre o nascimento de *O Jornal dos Caçadores* em 1875 e o do *Velocipedista* em 1893), vivia-se um período de grande instabilidade financeira. Os jornais enfrentavam muitos problemas neste domínio, tentando um equilíbrio entre os custos de produção e as receitas, como explica Pinheiro (2010):

> "Na viragem do século, a imprensa desportiva consolidava-se paulatinamente no espectro noticioso português, ainda que de uma forma instável, sucedendo-se o

[2] A obra *A Paixão do Povo – História do Futebol em Portugal*, de 2002, da autoria de João Nuno Coelho e de Francisco Pinheiro, avança com uma data em concreto para o nascimento do jornalismo desportivo português: "A existência deste género de imprensa em Portugal remonta a 1 de março de 1893, quando surgiu a publicação portuense dedicada ao ciclismo com o título *O Velocipedista*" (p.138). No entanto, o mesmo Francisco Pinheiro, em *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, de 2010, destaca *O Jornal dos Caçadores*, *O Toureiro* e *O Gymnasta* (p.23-24) como os primeiros jornais dedicados à prática desportiva. Não havendo um consenso sobre esta matéria entre estas duas obras, para o propósito deste trabalho importou apenas salientar que a imprensa desportiva portuguesa nasceu no final do século XIX.

aparecimento e desaparecimento de periódicos desportivos, numa tendência que se iria manter durante as primeiras décadas do século XX" (p. 53).

1.3 - O (pre)domínio do futebol

Foi no início do século XX que se organizaram os primeiros jogos de futebol em solo nacional, sobretudo entre Cascais e o Campo Pequeno, em Lisboa. Esta começava a tornar-se uma modalidade popular, com a fundação de vários clubes que persistem até aos dias de hoje. Os jornais passaram a dedicar-se mais a esta matéria, o que fez com que começassem a ter uma maior estabilidade financeira. "Em meados do século XX assistiu-se à consolidação do jornalismo desportivo, em especial das publicações dedicadas ao futebol", sustentam Coelho e Pinheiro (2002, p.139), acrescentando que isso ocorreu porque a relação do futebol "com a imprensa desportiva é, por assim dizer, «umbilical». Não podem passar um sem o outro" (p.139).

Foi por isso que, na primeira década do século XX, a popularidade do futebol e da imprensa desportiva cresceu de uma forma muito acentuada. O futebol "transformou-se num dos principais acontecimentos sociais da década", também graças ao facto de a imprensa "contribuir decisivamente para esse processo de difusão" (Pinheiro, 2010, p.63) e, deste modo, essa modalidade "ganhou o estatuto de tema dominador nas páginas dos periódicos desportivos a partir de meados da década de 1910, com o jornalismo de desporto a ser nitidamente marcado pela abertura e o encerramento da época futebolística" (Pinheiro, 2024, p.269).

Não é, assim, de admirar que, segundo Pinheiro (2010, p.67) os dois principais jornais desportivos da época – pelo menos aqueles que tiveram uma longevidade fora do comum para aquela altura – tivessem sido aqueles que realizaram campanhas a favor do futebol, incentivando a prática do desporto muito devido à sua democratização (só é necessária uma bola para se jogar futebol) e inclusão. São eles o já referido *Tiro e Sport* e um dos muitos jornais da história da imprensa denominados de *Os Sports* – este foi aquele criado em Lisboa em 1905. Apesar destas duas publicações também se dedicarem a outros desportos, a sua forte ligação ao futebol poderá ajudar a explicar o sucesso que tiveram, com *O Tiro e Sports* a durar de 1904 a 1913 e *Os Sports* a publicar 363 edições entre 1905 e 1909 (Pinheiro, 2010, p.68). Para comparação, outros dos principais jornais nascidos nesta década – *A Vida Sportiva* (1908), a *Gazeta de Sport* (1909) e o *Athleta* (1909) – dedicados a várias modalidades para além do futebol, tiveram uma vida curta, não passando nenhum deles da quinta edição. O crescimento do jornalismo desportivo português continuaria a partir de 1920, ano que marcou o início do

aumento do número de publicações desportivas: "Este súbito advento, que se prolongaria nos anos seguintes, ficou a dever-se, em grande medida, à gradual popularização do fenómeno desportivo, em especial do futebol, que viu no ano seguinte organizar-se a primeira prova de cariz nacional: o Campeonato de Portugal" (Pinheiro, 2010, p.125).

Estas primeiras décadas do século passado foram de um crescimento de larga escala no que toca à imprensa desportiva em Portugal e, por consequência, do desporto em si. Segundo Pinheiro (2010, p.451), a década de 1920 foi aquela em que surgiu o maior número de novos periódicos desportivos em Portugal (166). No total, nos primeiros 50 anos do século XX, foram criadas 434 publicações deste género, um número impressionante tendo em conta os fatores contextuais anteriormente descritos, como o baixo nível de alfabetização e o número relativamente baixo da população portuguesa.

Recordando que o futebol e o jornalismo desportivo, como já foi referido, andam de mão dada em diversos aspetos, neste período, a modalidade ganhou popularidade enquanto a sua profissionalização era desenvolvida, ainda que, em Portugal, a um ritmo lento, por comparação a outros países da Europa.

Assim, após um crescimento exponencial dos dois, foi na década de 1940 que a imprensa desportiva portuguesa se consolidou, com a criação dos jornais *A Bola* (1945) e o *Record* (1949). Apesar de o primeiro assumir a denominação de "Jornal de todos os Desportos", foi a aposta que fez, desde início, no futebol que lhe garantiu a sobrevivência e o sucesso nos primeiros meses de publicação, e que fez acabar com o principal periódico desportivo da época, *Os Sports*, publicado entre 1919 e 1945: "Mais conservador, *Os Sports* não conseguiu fidelizar os leitores, ávidos de mudança e de um jornalismo mais ativo e especialmente centrado no futebol, revendo-se por isso em *A Bola*, que contava com alguns dos mais importantes especialistas nessa área" (Pinheiro, 2010, p.269).

O então semanário *Record*, que começou por ser publicado ao sábado, fez uma aposta semelhante desde a edição inaugural, em que o futebol era "o tema central", dedicando "a esta modalidade várias entrevistas a futebolistas nas páginas centrais", assim como "diversas secções sobre o futebol: «A Figura da Semana»; os jogos da I divisão vistos na véspera (…) ou a apresentação das equipas prováveis nos encontros do domingo seguinte" (Pinheiro, 2010, p.278).

Virando a atenção para o Norte do país, há que mencionar *O Jogo*, fundado mais tarde do que os seus concorrentes (1985), mas que começou logo com uma aposta que os outros demorariam anos a seguir: ser um jornal diário. No entanto, à semelhança de *A Bola* e do *Record*, o foco

principal era também o futebol: "o primeiro número apresentava várias secções inovadoras ao longo de 16 páginas (dominadas por futebol)" (Pinheiro, 2010, p.394).

Portugal passava a ter três jornais desportivos – *A Bola*, *Record* e *O Jogo* – algo assinalável, tendo em conta que o país possui "um dos índices de leitura de jornais diários mais baixos da Europa" (Coelho e Pinheiro, 2002, p.415). Deste modo, só um motivo explica, para Coelho e Pinheiro (2002), a necessidade deste pequeno país possuir tamanha oferta de conteúdo desportivo diário: "A explicação pode apenas residir na popularidade do futebol em Portugal" (p.415). Não só pelo jogo em si, mas também pelas histórias à sua volta.

Esta aposta no futebol reflete-se até ao presente século, como concluem diferentes estudos sobre o jornalismo português. Ao analisar as capas dos três diários desportivos portugueses entre janeiro de 2006 e agosto de 2016, Bruno Henriques (2016, p.62) concluiu que o futebol tinha uma enorme supremacia em comparação com as restantes modalidades. De todas as notícias publicadas nessas primeiras páginas, apenas "0,28% do total reportavam a eventos relacionados com modalidades desportivas que não o futebol". E "nas 14 mil e 116 primeiras páginas analisadas, apenas 20 (0,14% das capas) tiveram como principal destaque notícias relacionadas com outras modalidades desportivas que não o futebol".

Já Adérito Esteves (2010) nota que, em 2010, essas outras modalidades também foram bastante negligenciadas no que toca à presença nas capas dos jornais desportivos. No que respeita ao diário *A Bola*, as modalidades "receberam muito pouca atenção do jornal, só figurando em 49 chamadas de capa ao longo do ano" (p.87). No *Record* houve uma presença maior de várias modalidades na sua primeira página, em relação ao concorrente lisboeta: "As chamadas de capa (75) aumentaram, de forma significativa, tal como o acompanhamento às competições de prestígio nacional, ou internacional, como: Estoril Open (11), Volta a Portugal (9), Volta a França (11) e Dakar (4)" (p. 90). Mas *O Jogo* foi mesmo o diário com mais chamadas de capa destas modalidades, com um total 176, destacando-se também no "número de modalidades (22) a que deu atenção na sua capa" (p.93).

No entanto, o adepto português de desporto habituou-se a consumir futebol devido à mediatização do desporto no país. "A verdade é que, em Portugal, por exemplo, a maior parte das pessoas (a esmagadora maioria) é espectador ou adepto de futebol através dos média" (Coelho, 2001, p.47). Por outras palavras, nenhum desporto foi tão mediatizado em Portugal, através dos jornais, da rádio e da televisão, como o futebol. Assim, não deixa de ser revelador o facto de o jornal desportivo que mais destaque deu às outras modalidades em 2010 ter sido aquele com menor circulação no país.

Segundo a Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (ACPT), em 2010, *O Jogo* teve uma circulação paga diária, em média, de 29 mil exemplares, menos de metade do valor que o *Record* registou no mesmo ano – cerca de 69 mil exemplares[3]. A circulação de *A Bola* não é abrangida pela ACPT, no entanto, aquando da comemoração do 65.º aniversário do jornal, em janeiro de 2010, este tinha uma tiragem média de 120 mil exemplares[4].

Sendo a capa de um jornal a sua face e a forma como se apresenta ao leitor, não deixa de ser interessante notar o facto de os dois jornais que deram primazia ao futebol terem uma circulação bastante maior do que aquele que, ao longo de 2010, deu maior destaque a outras modalidades. Mostrando aquela relação "umbilical" entre a imprensa desportiva e o futebol que já foi referida por Pinheiro (2010) e Gouveia (2024). De resto, "o futebol é inerentemente o foco do jornalismo de desporto, por isso apelidado de «desporto rei»" (Gouveia, 2004, p.276). É esta constatação que há mais de cinquenta anos tem vindo a dar lugar à crítica segundo a qual grande parte dos jornais não são, de facto, desportivos, mas sim futebolísticos. Tanto que, em 1973, o *Mundo Desportivo* respondeu, nas suas páginas, a essas críticas:

> "Toda a imprensa desportiva em Portugal é, de facto, 'desportiva', embora, logicamente, e porque os jornais se fazem para ser lidos (e o futebol ajuda largamente a difundir jornais, caso contrário a própria imprensa diária não teria chegado à conclusão de que lhe é necessário, para captar o público, dar maior desenvolvimento ao desporto e, fundamentalmente, ao futebol), ela tenha de dar ao desporto-rei uma outra dimensão" (Pinheiro 2010, p.340).

No entanto, este predomínio do futebol é mais acentuado em Portugal do que noutros países europeus. Torrijos (2012) analisou 31 capas de quatro jornais desportivos de países diferentes: *A Bola* (Portugal), *Marca* (Espanha), *L'Équipe* (França) e *La Gazzetta* (Itália). Olhando, primeiro, para o tema principal de cada capa, o autor notou que o "desporto-rei atuou como dominador absoluto da informação ao protagonizar 100% dos temas principais das capas de *A Bola*" (p. 86). Essa percentagem foi mais reduzida na *Marca* (96%), na *La Gazzetta* (90%) e sobretudo no *L'Équipe* (51%), jornal este que, ao longo do período em análise, teve ainda o râguebi, o ténis, a natação e o automobilismo como temas principais da capa. E este domínio do futebol em *A Bola* é transversal a quase toda a primeira página:

> "A desproporção entre o futebol e as restantes modalidades é também evidente em três dos quatro jornais analisados. Assim, das notícias de menor destaque [na capa] que

[3] Dados retirados de: https://www.apct.pt/analise-simples.

[4] Dados retirados de: https://expresso.pt/arquivo/desporto/jornal-a-bola-comemora-65-anos=f560424.

apareceram em *A Bola*, 94% corresponderam a assuntos futebolísticos, enquanto em *La Gazzetta* e na *Marca*, esse valor foi de 72% e 67%, respetivamente. No entanto, o *L'Équipe* destaca-se como o único jornal desta secção onde as referências a outros desportos são mais numerosas, com 64%, em relação ao futebol (36%)" (Torrijos, 2012, p.87).

Estes números não deixam de mostrar, no entanto, que o futebol também é o desporto mais popular nos outros países europeus mencionados, o que também se deve a razões históricas e culturais. "Desde a década de 1870 a mediados da década de 1920, a difusão do futebol na Europa foi assegurada graças às melhorias dos meios de comunicação", apontam Robertson e Giulianotti (2006, p.14), ao que Bradshaw e Minogue (2020, p.41) acrescentam: "nos anos entre as duas guerras mundiais, a popularidade do futebol era reproduzida e reforçada pelo poder da imprensa". A interdependência entre o futebol e os média só aumentou nas décadas seguintes, com o surgimento da televisão (Bradshaw e Minogue, 2020, p.41). Como tal, "hoje em dia, pelo menos na Europa Ocidental, o futebol é, por uma margem considerável, o desporto mais popular e aquele que recebe a maior cobertura mediática (Bradshaw e Minogue, 2020, p.42).

Assim, tal como acontece noutros países, por questões culturais já enraizadas na cultura desportiva e jornalística portuguesa, o futebol tornou-se no maior foco da imprensa desportiva, tendo os desportistas das outras modalidades de 'lutarem' para receber destaque nas páginas dos jornais nacionais.

1.4 - E o andebol?

No século XXI, a seleção portuguesa de futebol tornou-se numa das principais do mundo, contribuindo, em grande medida, para o sucesso mediático deste desporto no país. Trata-se de uma realidade bem diferente daquela que diz respeito à seleção nacional de andebol. Importa, portanto, contextualizar historicamente esta modalidade, assim como o seu desenvolvimento e posição que atualmente ocupa em Portugal. Isso afigura-se como fundamental para a compreensão da cobertura mediática do Campeonato da Europa de andebol de 2024.

Há relatos de que já se praticava um jogo semelhante ao andebol tanto na Grécia Antiga como no Império Romano. No entanto, o andebol como hoje o conhecemos só começou a ganhar forma após a Primeira Guerra Mundial, quando o alemão Carl Schelenz publicou o primeiro conjunto de regras do desporto, em 1919. Esta versão da modalidade era conhecida como

andebol de campo, por se praticar num terreno semelhante ao do futebol, com equipas de onze jogadores.

A modalidade rapidamente cresceu em popularidade e, em 1928, onze países fundaram a Federação Internacional Amadora de Andebol, predecessora da atual Federação Internacional de Andebol (FIA), que rege o desporto a nível global. Seis anos depois, o Comité Olímpico Internacional escolheu o andebol de campo como uma das modalidades desportivas a integrarem os Jogos Olímpicos de Berlim de 1936.

A versão atual do andebol, jogada em pavilhões fechados, começou por se chamar andebol de salão e foi criada na Suécia e na Dinamarca devido aos rigorosos invernos nestes países, que tornavam impossível a prática do desporto ao ar livre nessa altura do ano. Tal levou à redução do campo de jogo, assim como do número de jogadores por equipa, que passou a ser sete, algo que se verifica até hoje. O primeiro Mundial de andebol foi organizado em 1938, e nele participaram apenas quatro equipas (Alemanha, Áustria, Suécia e Dinamarca). No entanto, como salienta a FIA: "Na primeira metade do século XX, o andebol de salão desempenhou um papel pouco importante e o andebol de campo prevaleceu"[5].

A Segunda Guerra Mundial, ocorrida entre 1939 e 1945, interrompeu o crescimento da modalidade. Após o fim do conflito, a seleção da Alemanha, onde o desporto mais se desenvolvia, foi impedida de participar em várias provas, o que contribuiu para retardar esse mesmo desenvolvimento.

Em 1946 foi criada oficialmente a FIA, em Copenhaga, e organizaram-se novamente Campeonatos do Mundo de andebol de campo. A Alemanha só pôde voltar a competir nesta em 1954. Durante a década de 1950 e a primeira metade da de 1960, foram organizados tanto mundiais de andebol de campo como de andebol de salão. Algo semelhante entre as duas competições foi o aumento do número de equipas, ao longo dos anos, o que comprova a crescente popularidade do desporto. Mas o andebol de salão acabaria mesmo por se tornar na versão mais popular do desporto, sendo realizados até aos dias de hoje campeonatos do mundo. Já o último campeonato do mundo de andebol de campo ocorreu em 1966.

Foi preciso esperar por 1991 para ser fundada a Federação Europeia de Andebol (EHF). O primeiro Campeonato da Europa da modalidade realizou-se três anos depois, em Portugal, e contou com a participação de doze seleções. Desde então, esta prova realiza-se a cada dois anos, intercalada com a realização do Mundial da modalidade, que também tem uma ocorrência bianual.

[5] Informação retirada de: https://archive.ihf.info/upload/statistics/Part1.pdf.

Em Portugal, o andebol de campo chegou pelas mãos do alemão Armando Tschopp, responsável pela publicação das suas regras no extinto jornal *Os Sports* – o maior jornal desportivo português da época, recorde-se, segundo Pinheiro (2010, p.161) – em novembro de 1929. Nos anos seguintes, foram fundadas as associações de andebol de Lisboa e do Porto, tendo a primeira prova entre ambas acontecido em junho de 1934. Cinco anos depois, por iniciativa dessas duas associações mais a de Coimbra (criada entretanto), havia de ser fundada a Federação Portuguesa de Andebol, atualmente Federação de Andebol de Portugal (FAP).

O andebol de salão (ou de sete) só chegou a Portugal em 1939, devido a outro alemão, Henrik Feist, que residia no país. O primeiro torneio oficial da modalidade foi organizado por Feist em Cascais no verão do mesmo ano. Depois, como indica a FAP, "a exponencial popularidade do andebol de sete, tanto no nosso país como internacionalmente, levou à gradual extinção do andebol de onze"[6].

Como se disse, Portugal foi o organizador do primeiro Campeonato Europeu de andebol de sempre, em 1994, mas ficou no último lugar (12º), evidenciando a falta de preparação que a equipa tinha em relação a países que já possuíam uma longa tradição de prática desta modalidade desportiva. A seleção nacional só voltou às grandes competições três anos depois, no Mundial do Japão, no qual ficou na 19ª posição, entre 24 equipas. Nas primeiras duas décadas do presente século, Portugal participou em quatro campeonatos da Europa e dois campeonatos do mundo. A sua melhor classificação foi o 9.º lugar no europeu de 2002 e a última presença, neste período, em grandes competições foi no Campeonato da Europa de 2006, ao qual se seguiu um interregno de catorze anos.

Os portugueses regressariam a esses palcos em 2020 no Campeonato da Europa, tendo aí alcançado a sua melhor classificação de sempre: o 6.º lugar. No ano seguinte, a seleção nacional voltou a um Mundial de andebol após uma ausência de dezanove anos e ficou na 10.ª posição. Marcou ainda presença nos Jogos Olímpicos do Japão (disputados em 2021). Desde então, tornou-se uma presença habitual nestas que são as duas maiores competições de andebol do mundo, a nível de seleções, alcançando a 19ª posição no europeu de 2022 e o 13º lugar no Mundial de 2023.

Em 2024, a seleção portuguesa esteve presente no seu terceiro Campeonato da Europa consecutivo, encontrando-se, à partida, longe de ser uma das equipas favoritas a vencer a

[6] Informação retirada de: https://portal.fpa.pt/a-federacao/historia/.

prova. Ainda assim, segundo o *ranking* de seleções europeias de 2023, elaborado pela EHF, Portugal era a 11.ª melhor equipa do continente[7].

Mas se o andebol tem vindo a ganhar cada vez mais protagonismo no desporto nacional, a sua visibilidade mediática parece ser ainda reduzida. Segundo dados da plataforma estatística *Pordata*[8], antes da pandemia do Covid-19, o andebol era o segundo desporto coletivo com mais praticantes federados no país, o que demonstra a popularidade que a modalidade tem vindo a ganhar. Após a pandemia, esses números diminuíram (atingindo o mínimo de 31 447 praticantes federados), mas subiram depois para 48 594 em 2023, praticamente o mesmo valor que fora registado quatro anos antes. O desporto foi, entretanto, ultrapassado pelo voleibol (teve 59 202 atletas federados em 2023).

No entanto, andebol não é futebol. Não atrai milhões de adeptos e não tem a mesma mediatização. Deste modo, nos jornais desportivos, este desporto é incluído nas categorias de Modalidades ou de Outros Desportos. Estas só costumam ter entre duas a quatro páginas por dia em cada jornal, um espaço partilhado com dezenas de outras modalidades.

Assim, como acontece com outras modalidades desportivas, só o final do Campeonato Nacional (quase sempre disputado entre SL Benfica, FC Porto e Sporting CP, os três maiores clubes do país) ou certas conquistas da Seleção Nacional é que costumam merecer um maior destaque nas páginas da imprensa e, eventualmente, uma chamada de capa.

Como Esteves (2010) demonstrou, o andebol teve apenas cinco presenças na capa do *Record* ao longo de 2010 (p.90), que ainda assim foram mais do que as quatro verificadas no jornal *A Bola* (p.87). *O Jogo*, como já foi referido, foi o diário desportivo que, na sua capa, mais destacou as modalidades extrafutebol durante esse ano, na qual o andebol surgiu 23 vezes (p.93).

No entanto, como já foi explicado, no início de 2024, a seleção nacional de andebol atravessava um período de desenvolvimento e de consolidação único na sua história, havendo a expectativa de, no Campeonato Europeu, poder vencer qualquer adversário. E, mesmo sendo a disputa pelo título de campeão altamente improvável, os olhos, talvez nunca como antes, viriam a estar postos na seleção nacional de andebol.

1.5 - Três jornais desportivos: *A Bola, Record* e *O Jogo*

[7] Dado retirado de : https://www.eurohandball.com/media/zwclb4h4/2025mwch_nt-ranking__after-2023mwch.pdf.

[8] Dados retirados de: https://prod2.pordata.pt/portugal/praticantes+desportivos+federados+total+e+por+todas+as+federacoes+desportivas-2227.

Sendo o foco desta investigação o ramo do jornalismo desportivo atual, é imprescindível caracterizar os três jornais desportivos históricos existentes em Portugal: *A Bola*, *Record* e *O Jogo*.

A Bola

A Bola lançou o seu número inaugural a 29 de janeiro de 1945. Começou por ser publicado duas vezes por semana, às segundas e sextas-feiras, e o seu sucesso foi imediato, tanto que, segundo Pinheiro (2010), como já foi mencionado, levou à falência do jornal *Os Sports*, o mais popular do género nas décadas de 1920 e 1930.

Cinco anos após a sua criação, o jornal fundado por Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis e Vicente de Melo passou a editar mais uma publicação semanal. Em março de 1989, aumentou essa periodicidade para quatro vezes por semana e, em 1995, cerca de 50 anos após a sua fundação, passou a jornal diário, mantendo-se assim até aos dias de hoje.

Apesar de, desde a sua fundação, se caracterizar como o "Jornal de Todos os Desportos", segundo Torrijos (2012), *A Bola* constitui-se como um "modelo de diário futebolístico praticamente puro, (ocupando-se dos torneios portugueses e dos principais futebolistas lusos em campeonatos estrangeiros)" (p.89). E, de facto, foi essa atenção dada ao futebol desde a sua fundação que, primeiro, lhe garantiu a sobrevivência e, mais tarde, a consolidação. "Crescendo paralelamente ao futebol português (e aos sucessos internacionais do Benfica), *A Bola* foi, nos anos 50 e 60, progressivamente cimentando a sua posição como o mais vendido dos jornais portugueses, entre e além fronteiras" (Coelho e Pinheiro, 2002, p.334).

Deste modo, no final do século XX, o jornal adquirira uma relevância internacional, não só na divulgação do desporto, mas também da própria língua portuguesa, condições que, para Coelho e Pinheiro (2002), o colocaram "a condição de maior jornal português (…) podendo orgulhar-se, sem exagero, de ser o maior veículo escrito da língua portuguesa no mundo" (p.335).

No entanto, o jornal passou por dificuldades no século XXI, que levaram à sua venda, no verão de 2023, ao grupo suíço Ringier – Sports Media Group, uma empresa que detém várias publicações desportivas no leste do continente europeu. Este grupo é especializado em meios de comunicação e tecnologia, detém 140 empresas em 19 países e retira quase 80% do seu lucro operacional do negócio digital. Tal levou o jornal a apostar nas plataformas digitais, a ter maior presença nas redes sociais (que também passou pela criação de um canal no WhatsApp, uma conta no *TikTok* e o lançamento dos primeiros *podcasts* da empresa no *Spotify*). No

entanto, o jornal impresso continua a ser publicado, apesar das decrescentes vendas que vem registando.

A Bola não faz parte da Associação Portuguesa Para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT), mas o ex-diretor-geral do jornal, Felipe Montesino Gomes, afirmou, numa entrevista ao site económico ECO, em dezembro de 2023, que *A Bola* vendia entre 12 e 13 mil exemplares diários[9].

Record

O jornal *Record* nasceu em 1949 com uma forte influência do jornal *A Bola*. Curiosamente, a ideia para a sua criação "cresceu à mesa do café O Restauração, em pleno Rossio, em Lisboa, onde quatro anos antes ganhara forma *A Bola*" (Pinheiro, 2010, p.277). O antigo atleta olímpico Manuel Dias foi o principal impulsionador da ideia e convenceu os redatores Monteiro Poças e Afonso Lacerda, de *A Bola*, a juntarem-se a si.

Assim, a 26 de novembro de 1949 foi, pela primeira vez, colocado à venda o *Record*, que era então um semanário publicado ao sábado. Este novo jornal assumiu que o futebol seria o seu principal foco de atenção, mas como Pinheiro (2010) refere, "teriam igualmente, destaque especial modalidades menos populares como basquetebol, râguebi, voleibol, hóquei em campo, automobilismo e atletismo" (p.278).

A história do *Record* é de resiliência, feita de adversidades que foram sendo ultrapassadas e permitiram a consolidação da publicação na sociedade portuguesa. No ano seguinte à fundação do periódico, *A Bola* passou também a publicar uma edição ao sábado, o mesmo dia em que saía este novo jornal, que, no entanto, conseguiria resistir. Em 1953, passa a bissemanário, com publicações também à terça-feira (Pinheiro, 2010).

O *Record* acabou por consolidar o seu lugar no universo mediático desportivo nacional, aumentando gradualmente o número de publicações semanais até ao dia 1 de março de 1995, quando passou a diário, formato que mantém até hoje.

Desde 1991 que o *Record* fazia parte do Grupo Cofina, um dos principais grupos de média portugueses e ao qual pertencem títulos como o *Correio da Manhã*, o *Jornal de Negócios* e a revista Sábado. No entanto, no final de 2023, o Grupo foi vendido à nova marca Medialivre, que tem, entre os vários investidores, o jogador de futebol Cristiano Ronaldo.

[9] Entrevista retirada de: https://eco.sapo.pt/entrevista/o-nosso-modelo-de-negocio-e-digital-first-nao-ha-volta-a-dar-diz-o-diretor-geral-da-bola/.

No que toca à venda do jornal, segundo dados da APCT, o *Record* teve uma circulação paga, em média, de 13 340 exemplares diários nos primeiros dois semestres de 2024.

O Jogo

Por fim, o jornal *O Jogo* foi criado em 1985 e distinguiu-se, desde logo, dos dois títulos anteriores em dois aspetos relevantes: sempre esteve sediado na cidade do Porto e nasceu como um jornal diário, conseguindo prosperar, apesar das dificuldades que essa aposta acarretava à época. "Escrever sobre desporto todos os dias iria ser uma missão difícil, sobretudo porque a atividade desportiva nacional não era tão fértil quanto o desejável para a atividade diária de um jornal", salienta Francisco Pinheiro (2010, p.394).

Com um foco claramente regional e centrado no Norte do país, *O Jogo* acabou, devido a esses motivos, por conquistar grande parte do seu público-alvo dentro dos adeptos do FC Porto, aproveitando os vários títulos que o clube ia vencendo nesta época - com destaque para a Taça dos Campeões Europeus, a principal prova de clubes da Europa, em 1987 – para se consolidar como o órgão desportivo predileto do universo portista.

O Jogo fazia parte do Grupo Global Media (GGM) até julho de 2024 e segundo a APCT, nos primeiros dois semestres de 2024, o jornal vendeu, em média, 6 246 exemplares por dia. Durante a escrita deste trabalho, o GGM passou por várias dificuldades financeiras, que fizeram com que os trabalhadores de *O Jogo*, e de outros títulos do grupo, entrassem em greve no dia 10 de janeiro de 2024. Meses depois, em julho, o GGM deixou de existir e *O Jogo*, passou a ser detido pela Notícias Ilimitada[10].

1.6 - A (im)parcialidade do Jornalismo Desportivo

A prática de qualquer jornalista deve ser regida por princípios éticos, estabelecidos no código deontológico da profissão. O respeito pelas pessoas, a proteção de fontes, o rigor e, acima de tudo, a defesa da verdade, são alguns dos principais baluartes deste exercício. Estes valores são do conhecimento da generalidade da população, aos quais, no entanto, costuma ser acrescentado o de imparcialidade no relato dos acontecimentos.

Esse é o caso, por exemplo, do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001), que refere, relativamente à palavra "imparcial": "Um jornalista deve ser imparcial, objetivo, para

[10] Fonte: https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/media/detalhe/fecho-da-venda-dos-titulos-da-global-media-a-noticias-ilimitadas-agendado-para-terca-feira

informar corretamente" (p.2035). Alguém imparcial "não favorece um em detrimento de terceiro", "não tem partido" e é "justo", de acordo com o Priberam[11].

Acusações de falta de imparcialidade são comuns no jornalismo desportivo nacional, com, nomeadamente, todos os diários desportivos a serem associados aos três maiores clubes do país: *A Bola* ao SL Benfica, o *Record* ao Sporting CP e *O Jogo* ao FC Porto (Esteves, 2010, p.8).

No entanto, as palavras "imparcial", "imparcialidade" ou "objetividade" não constam no Código Deontológico do Jornalismo, nem no Estatuto do mesmo. Como afirma Jorge Pedro Sousa, "há ainda jornalistas que pretendem que as notícias factualizadas são objetivas porque espelham a realidade". No entanto, acrescenta, "o próprio Código Deontológico dos Jornalistas Portugueses, revisto em 1993, já assegura que os jornalistas devem ser rigorosos e honestos, e não objetivos" (Sousa, 2001, p.48). De qualquer modo, continua a estar presente a ideia de que deve haver uma separação clara entre opinião e factos.

Só que a questão da parcialidade do jornalista desportivo existe quase desde o início da difusão deste género em Portugal. Pinheiro (2010) recorda que há precisamente cem anos, em 1924, os periódicos e jornalistas desportivos consciencializaram-se do seguinte: "Para ganhar a confiança dos leitores (…) deviam «informar com a maior independência de vistas, imparcialidade e correção, qualidades reveladoras de são carácter e consciência limpa»" (p.172).

Já durante a década seguinte, "os jornais desportivos continuaram a fazer reflexões sobre o papel do jornalismo desportivo e as suas questões éticas e deontológicas. Um dos temas que maior preocupação gerou foi o da isenção jornalística face aos clubes" (Pinheiro, 2010, p.214). Cabia, por isso, aos chefes de redação controlarem o clubismo de alguns dos seus colaboradores, mas sem colocar em causa a "emotividade da escrita, fundamental a este tipo de jornalismo" (p.215). Ora, ao introduzir essa emoção que o desporto tão facilmente proporciona, é difícil manter-se ao mesmo tempo um elevado nível de imparcialidade.

Como explica Mário Mesquita (2003), os jornalistas perceberam que necessitavam de interpretar os acontecimentos para melhor os relatarem, o que os levou a recusar a "doutrina da objetividade", decisão que se baseou "na afirmação de um direito à subjetividade do jornalista, enquanto investigador, narrador e autor" (p.213). Nesse sentido, Gaye Tuchamnn (1994) introduziu a noção de "objetividade como ritual estratégico", apresentando uma série de procedimentos que o jornal deve seguir e que o permitem defender-se das críticas à ausência

[11] Fonte: https://dicionario.priberam.org/imparcial.

de objetividade. Já uma das principais teses de Hargreaves, citado por João Carlos Correia (2004), "diz respeito à rejeição da imparcialidade e objetividade jornalística" (p.100): "as notícias são construídas em termos de valores profissionais e rotinas produtivas. Os média desportivos (re)-apresentam o mundo em termos do seu enquadramento referencial, construindo eventos mediáticos relacionados com o fenómeno desportivo" (p.100).

Assim, a imparcialidade do jornalista desportivo não se cinge apenas ao seu clube. Uma das características desta especialidade jornalística é ter a crónica como um dos principais géneros de escrita. Isto é, a inclusão frequente de algum tipo de opinião por parte do jornalista: referir que uma equipa "jogou mal" ou que um certo jogador "foi o melhor em campo" são análises que, apesar de poderem ser suportadas por factos e dados estatísticos, não deixam de requerer alguma interpretação por parte do repórter. Mas é "devido a esta condição interpretativa, que a dimensão ética no jornalismo é tão controversa, problemática, polémica, sobretudo no campo desportivo, que envolve paixões e emoções" (Palhares, 2022, p.59).

É, portanto, num equilíbrio complicado e indefinido que os jornalistas desportivos exercem a profissão para transmitirem a informação relevante sobre um evento desportivo, um clube ou uma figura desportiva. Isso torna-se ainda mais relevante se tivermos em consideração que, como explica Charles Lambert (2019), o leitor/espetador já não espera uma análise fria e descritiva dos factos: "Hoje, mais do que nunca, o melhor jornalismo desportivo parece ser o que melhor encarna a paixão dos adeptos (…) a escrita deve ser divertida de se ler" (p.7). Portanto, para transmitir paixão – algo ainda mais relevante em torneios internacionais entre países – o jornalista deve informar sobre os acontecimentos de forma sustentada, mas também clara, criativa e apelativa.

É que se o jornalismo desportivo foi evoluindo ao longo do tempo, assistindo-se a algumas transformações nas práticas, nos géneros e nos conteúdos, também a audiência foi alterando as suas preferências relativamente ao tema, bem como o modo como foi consumindo conteúdos desportivos. Tudo isto leva a que se coloquem novos e renovados desafios ao exercício do jornalismo desportivo.

1.7 - A ideia de "nação" no Jornalismo Desportivo

Sendo o objeto de estudo deste trabalho a cobertura mediática do Campeonato da Europa de andebol de 2024, assim como da participação da Seleção Nacional de Portugal no mesmo, é pertinente explorar as formas como o jornalismo desportivo trata a representação de um país,

quando este entra em campo frente a outras nações, e como isso se reflete na nação em causa. Mas, antes, é necessário justificar os termos a usar.

É, pois, pertinente compreender como surge a ideia de nação no jornalismo desportivo. Isto porque, em competições entre países, existem sempre vários elementos representativos de um país, desde bandeiras e hinos nacionais, até mesmo ao facto de, em campo, os jogadores batalharem entre si com uniformes de uma nação (Rowe *et al*, 1998, p.120). João Nuno Coelho (2001, p.31) retrata estes "objetos que incorporam a ideia de nação" como recursos de uma "construção identitária" e de "reprodução simbólica" de um país.

Os média portugueses têm um papel relevante nos processos de construção de uma ideia de nação, enquanto comunidade, sobretudo naqueles momentos em que a mesma é evocada e cria uma unidade afetiva entre a população.

Como Pinheiro (2010) explica, "os jornais desportivos oferecem representações, versões, visões da realidade" que resultam na constituição de "narrativas sobre Portugal e os portugueses, sobre as suas supostas características (…), mas também sobre o valor do País relativamente aos outros" (p.437).

Recuando até 1934, quando a Seleção Nacional de futebol portuguesa ainda estava numa fase muito precoce do seu desenvolvimento, esta sofreu uma pesada derrota com a Espanha, por 9-0. Este resultado foi encarado, pelos jornais da época, "como exemplo da «decadência lusitana» e representavam-no como uma vergonha nacional" (Coelho, 2001, p.42). No entanto, a importância dos média para o desenvolvimento do desporto nacional, como já foi referido, também aqui se reflete. Coelho (2001) refere que esta derrota, aliada às fortes críticas da imprensa desportiva, despertaram a "necessidade de mudar algo em termos de estruturas no futebol em Portugal. Assim, surgiu na época 1934/35 o Campeonato Experimental da Liga". E para tal "contribuíram muito as constantes queixas e acusações da imprensa" (p.95).

No entanto, especialmente ao longo do século XX, o futebol da seleção de Portugal raramente produziu grandes resultados, o que levou o jornal *A Bola* a transmitir uma mensagem que assim se sintetizava:

> "Na ideia de que, se a equipa portuguesa não alcança na maior parte das situações, o nível desportivo e competitivo de que os portugueses se possam orgulhar e que a história de Portugal justifica é por que não lhe é atribuída a importância e o apoio que uma representação nacional (...) merece" (Coelho, 2001, p.97).

Assim, Pinheiro (2010) afirma que as características geográficas e históricas do povo português criaram um sentimento de "afeição pelos países pequenos" que "era o mesmo que os empurrava para ambicionar a ser como as nações poderosas, posição ocupada nos Descobrimentos"

(p.435). No entanto, os fracos resultados futebolísticos da Seleção Nacional, durante a maior parte do século XX, tiveram uma reflexão: "Os discursos da imprensa periódica desportiva foram também dominados pelo sentimento de pequenez, relativamente a Portugal, identificando-se, por isso, com os dilemas existenciais dos povos e nações, geográfica e demograficamente, pequenas" (Pinheiro, 2010, p.435).

Assim, como, no fundo, "os jornais desportivos produzem discursos sobre a identidade e ao fazerem-no produzem identidade e cultura, num sentido lato" (Pinheiro, 2010, p.435), estes órgãos de comunicação social são essenciais na definição do país enquanto comunidade. E, como refere Torrijos (2012), os média desportivos têm uma ampla capacidade de atração do público ao projetarem "os feitos alcançados por atletas na comunidade que estes representam, apelando aos cidadãos a participarem nesse sucesso coletivo através do consumo de notícias desportivas" (p.78). É desta agremiação de um povo que vive em sociedade e que partilha uma herança cultural e histórica, que nasce "o sentimento de unidade conferido pela sensação de pertença à nação, sobrepondo-se às lealdades de classe, de etnia e de género" (Hargreaves, 1986, p.154).

Graças a "motivos e circunstâncias históricas, a identidade nacional «devorou» outras identidades sociais variadas (regionais étnicas, sexuais, profissionais) e generalizou-se a tendência para ser valorizada em relação a estas" (Coelho, 2001, p.34). Ou seja, durante uma competição desportiva em que Portugal participe enquanto seleção, frente a outros países, os diferendos sociais e políticos são colocados de parte porque o sentimento de nação, retratado pelos média, se sobrepõe a tudo o resto.

Este fenómeno também é identificado por Rowe *et al* (1998), sustentando que "muitos relatos sobre o desporto o posicionam como um princípio central da cultura nacional". Como já foi explicado, o povo português sempre demonstrou muita apetência para o consumo de conteúdo mediático desportivo, o que faz com que o desporto, no geral, ajude a "criar mitos nacionais" que "encorajem participação ativa do público a um nível físico e ideológico" (p.121).

"Esta identidade coletiva foi historicamente alcançada através da difusão da palavra impressa" (Rowe *et al*, 1998, p.123), gerando assim uma união das vontades de um país, que tem maior prevalência, sobretudo, em competições internacionais: "As intersecções mais concentradas e poderosas entre os média, a nação e o desporto têm lugar nessas competições internacionais comprimidas no tempo e no espaço" (Rowe *et al*, 1998, p.122).

Deste modo, uma das questões às quais esta investigação terá atenção é à forma como o sentimento patriótico foi elaborado pelos média, na cobertura da participação de Portugal no Campeonato da Europa de andebol de 2024. À partida, existe uma particularidade relevante

nesta equipa: é que a mesma é conhecida por "Heróis do Mar", tendo sido assim batizada por Paulo Jorge Pereira, que treina esta seleção desde 2016. É uma expressão que recorda o passado histórico dos Descobrimentos e que, para Pinheiro (2010, p.435), retrata a ambição dos portugueses de verem refletida a glória mundial que esse período histórico trouxe, através de resultados desportivos.

Capítulo II – Estudo de caso: metodologia e corpus de análise

2.1 - A análise de conteúdo

A metodologia deste trabalho centra-se na análise de conteúdo das diferentes formas de discurso utilizadas pelos média – neste caso, peças jornalistas publicadas em jornais ou transmitidas em telejornais. O principal objetivo desta abordagem foi "calcular e comparar as frequências de certas características (na maior parte das vezes, os temas evocados) previamente agrupadas em categorias significativas" (Quivy e Campenhoudt, 2017, p. 228). Ou seja, houve, como refere Laurence Bardin, um "desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos" (Bardin, 1977, p. 153). Foi este método quantitativo que orientou a recolha e análise de informação, a quantificação e comparação entre diferentes órgãos de comunicação social, para, assim, verificar quantas vezes, por exemplo, o tema em estudo foi mencionado, o número de vezes que surgiu na capa ou o tamanho das peças, entre outras categorias de análise.

A maior parte das ilações neste trabalho foram aferidas através da "hipótese segundo a qual uma característica é tanto mais frequentemente citada quanto mais importante é para o locutor" (Quivy e Campenhoudt, 2017, p. 228). A importância conferida pelos média ao tema em estudo foi proporcional ao número de vezes que foi destacada das mais variadas formas.

Uma parte desta investigação também implicou alguma análise qualitativa, através da exploração da presença ou ausência de um modo discursivo que estará explícito no Capítulo III. Importa, aqui, explicar que se adotou esta metodologia porque, como Quivy e Campenhoudt (2017) também afirmam, "as características próprias dos dois tipos de procedimento [quantitativo e qualitativo] não são assim tão nítidas e vários métodos recorrem tanto a um como a outro" (p. 228). Decidiu-se, assim, recorrer a ambos os métodos porque durante o tratamento da informação recolhida, notou-se algumas diferenças entre a forma como os órgãos de comunicação social tratavam o europeu de andebol que obrigaram a essa análise mais qualitativa. Foi também uma forma de, julgamos, enriquecer o trabalho com dados que uma análise quantitativa dificilmente mostraria.

Em suma, o grande foco foi recolher todos os dados de diferentes órgãos de informação que dissessem respeito ao europeu de andebol, de forma a avaliar a presença mediática que a competição teve no universo jornalístico português.

2.2 – *Corpus* de análise

Passando à estruturação da análise, definiu-se primeiro o período temporal em que se recolheria a informação dos diversos órgãos de comunicação social. O campeonato europeu de andebol decorreu de 10 a 28 de janeiro de 2024, sendo que o primeiro jogo de Portugal foi no dia onze. Assim, estabeleceu-se o período a analisar entre os dias 9 e 30 de janeiro por alguns motivos. Primeiro, tendo em conta a data da estreia da seleção portuguesa, quis-se saber se, no dia anterior, seriam realizadas antevisões da competição ou se a mesma só ganharia mais destaque com o início do campeonato ou o primeiro jogo de Portugal. Ponderei iniciar esta análise a nove de janeiro, mas devido à falta de menções que o europeu teve nesse dia nos diferentes média observados, decidiu-se iniciar a análise no dia 10, que já inclui artigos mais aprofundados sobre o tema. Depois, era também importante compreender o destaque dado à competição após a final da mesma.

Para a obtenção dos dados a serem analisados, optou-se por expandir a seleção para lá da tríade de jornais desportivos nacionais, procurando uma visão mais abrangente desta cobertura mediática. Assim, para além de analisar os jornais *A Bola*, *Record* e *O Jogo*, incluiu-se no estudo o *Público*, o *Correio da Manhã* e o *Expresso* (este último, por ser semanário, analisou-se ainda a sua edição de dois de fevereiro porque foi a primeira que saiu após o término do europeu). Mas, para não nos focarmos unicamente na imprensa escrita, foram ainda analisados os telejornais de horário nobre das três estações de televisão generalistas nacionais (*SIC*, *TVI* e *RTP1*).

Durante o período em análise, o jornal *A Bola* passou uma fase de transição que advinha da venda do órgão ao grupo suíço Ringier – Sports Media Group, no verão de 2023. Ainda assim, tal não alterara (na altura) o formato do jornal, que costuma dedicar cerca de três páginas às modalidades extrafutebol. No entanto, a secção – denominada de *Mais Desporto* –dispunha, em alguns dias, de duas ou de quatro páginas. Esta é a última secção do jornal antes das colunas de opinião, da grelha de programação televisiva e da última página.

O *Record* tem mesmo uma secção denominada de *Modalidades* que, tal como acontece com *A Bola*, costuma ocupar três páginas. É também aí que o jornal coloca, por vezes, uma pequena secção de anúncios dos classificados, ocupando normalmente cerca de meia página. A secção costuma abordar várias modalidades através de notícias breves ou mais longas.

No que toca a *O Jogo*, a secção *Modalidades* ocupa, na maior parte das vezes, três páginas e acaba por ter várias semelhanças com os outros dois concorrentes: está localizada no fim do jornal e as modalidades que costumam ter mais destaque são o ténis, andebol, basquetebol, ciclismo e desportos motorizados.

Todos estes jornais desportivos têm as mesmas secções – *Benfica*, *Sporting*, *FC Porto*, *Futebol Nacional*, *Futebol Internacional* e *Mais Desporto/Modalidades* –, sendo que a secção de modalidades extrafutebol é quase sempre a última do jornal, antes de eventuais artigos de opinião e a última página.

No que respeita à imprensa generalista, na qual a secção de *Desporto* é geralmente dominada pelo futebol, foram analisados três periódicos com bastantes diferenças entre si.

O *Público* é um jornal com muito foco na política e atualidade portuguesas, que também destaca os maiores acontecimentos da política internacional. No seu estatuto editorial, define-se como um "diário de grande informação" que, "recusando o sensacionalismo (…) aposta numa informação diversificada" e que "participa no debate das grandes questões que se colocam à sociedade portuguesa"[12]. Tem várias secções ao longo do jornal, tais como Política, *Mundo*, *Sociedade*, *Local*, *Economia* e *Cultura*, entre outras. Dentro do jornal a secção de *Desporto* é a última antes da última página, estando localizada depois das páginas ocupadas pela grelha de programação televisiva, por jogos e pela meteorologia. Costuma ter três páginas e o futebol é o tema central das mesmas, destacando-se ainda, normalmente, o ténis. Não é habitual que temas desportivos surjam na capa do jornal.

O jornal foi fundado por um grupo de jornalistas que saiu do *Expresso*, em 1990, após a iniciativa de Vicente Jorge Silva (primeiro diretor do jornal) de contactar o empresário dono do grupo SONAE Belmiro de Azevedo, para apoiar a criação do projeto. Hoje em dia, a empresa continua a deter o *Público* que, segundo a APCT, vendeu em média 10 146 jornais por dia nos primeiros dois semestres de 2024 [13](refira-se, no entanto, que o jornal tem uma circulação paga no seu *site* sensivelmente cinco vezes superior à verificada na edição impressa).

O *Correio da Manhã*, como já foi mencionado, tem os mesmos donos do *Record*. Fez parte do Grupo Cofina desde 2000 até ser vendido ao grupo Medialivre em 2023. Antes disso, o jornal nasceu enquanto tabloide, no formato e na edição, e desde o primeiro número, que saiu a 19 de março de 1979, teve o objetivo de ser um jornal popular e dois anos depois, já era uma aposta financeiramente ganha[14]. Hoje em dia, é o diário mais vendido em Portugal tendo, segundo a ACPT, vendido mais de um milhão de exemplares durante o mês de janeiro, do qual fizeram parte 21 jornais para esta análise. O *Correio da Manhã* valoriza muito mais o papel do desporto

[12] Fonte: https://www.publico.pt/nos/estatuto-editorial.
[13] Dados das vendas do *Público* e do *Correio da Manhã* retirados de: https://www.apct.pt/analise-simples.
[14] Fonte: https://www.publico.pt/2004/03/19/portugal/noticia/correio-da-manha-o-jornal-que-nasceu-para-responder-as-preocupacoes-do-homem-da-rua-1188980.

em relação ao *Público e*, em concreto, do futebol, que ocupa, desde logo, um espaço considerável e recorrente na sua capa. Dentro do jornal, a secção *Desporto* costuma estar dividida em duas: a primeira surge antes da 10.ª página e é ser totalmente dedicada ao futebol, com grande foco na atualidade dos clubes SL Benfica, FC Porto e Sporting CP; e a segunda costuma surgir por volta da página 30 e é mais focada noutros assuntos relacionados com o futebol, sendo que a grande maioria das modalidades só é mencionada em notícias breves. Aos sábados é ainda publicado o suplemento *Mais Sport*, de 12 páginas, com mais artigos de análise e onde outras modalidades têm mais destaque, que, ainda assim, não se equipara àquele que o futebol dispõe no mesmo suplemento.

Já o *Expresso* nasceu como semanário a seis de janeiro de 1973 por iniciativa de Francisco Pinto Balsemão, primeiro diretor do jornal, e contava com o atual Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa na redação (que seria também o segundo diretor do jornal). Desde sempre se orgulha de ser um jornal "independente de todos os poderes", como esclarece no seu Estatuto Editorial[15], onde também esclarece que o jornal "recusa-se a alimentar qualquer tipo de sensacionalismo", mesmo que isso pudesse "aumentar a venda de exemplares". É o único periódico abordado que tem o formato *broadsheet* ao invés do tabloide que todos os outros jornais nesta análise apresentam e segue uma linha editorial semelhante à do *Público*, destacando assuntos políticos e da atualidade nacional e internacional. Neste contexto, o jornal raramente coloca temas desportivos na sua capa e dedica duas páginas à secção de desporto, chamada *Tribuna Expresso*, que costuma ter o futebol como tema central. Por vezes, esse é mesmo o único tema desportivo abordado. O *Expresso* tem um alcance considerável na circulação paga impressa e digital, vendendo, segundo a ACPT[16], no conjunto dos dois, em média, 42766 exemplares por semana nos primeiros seus meses de 2024.

No que respeita aos canais televisivos, foram também analisados os conteúdos acerca do europeu de andebol nos telejornais de *prime-time* (o espaço noticioso principal e de maior audiência) da *RTP1*, *SIC* e da *TVI* que começam diariamente às 20.00 horas, salvo raras exceções como a transmissão de jogos de futebol, que chegaram a ocorrer nesta análise.

A *Rádio e Televisão de Portugal* iniciou as emissões a quatro de setembro de 1956 e sempre foi um órgão detido pelo Estado português, tendo por isso a obrigação de prestar um serviço público nos média, o que motivou também o facto de, para o propósito deste trabalho, ter sido o único órgão presente na cobertura do campeonato europeu de andebol porque teve um

[15] Estatuto Editorial do *Expresso*: https://expresso.pt/sobre/estatuto-editorial/2020-01-20-estatuto-editorial-3c79f4ec.
[16] Fonte: https://www.apct.pt/analise-simples.

enviado especial na Alemanha a acompanhar a prestação da seleção portuguesa (a Agência Lusa teve também um jornalista no local). Segundo a própria, o principal objetivo do órgão "é aproximar a *RTP1* dos portugueses. 'Sempre Ligados' é a assinatura da *RTP1* e traduz a sua essência"[17].

Nos dias analisados, o *Telejornal* da *RTP1* possuiu sempre uma secção de desporto, que, na maioria das vezes, fechou o programa. Esse espaço informativo teve sempre uma hora de duração, exceto aos domingos, quando durou pouco mais de uma hora (incluindo os intervalos publicitários). Ainda destes três canais, a *RTP1* foi o único que deu sempre notícias desportivas em todos os dias analisado.

Passando para a *Sociedade Independente de Comunicação*, este foi o primeiro canal televisivo privado em Portugal, fazendo desde o início concorrência à *RTP1*. O canal, propriedade de Francisco Pinto Balsemão, começou a emitir a seis de outubro de 1992 e sempre fez parte do Grupo Impresa, juntamente com o *Expresso* e outros títulos.

O *Jornal da Noite* da *SIC* foi, durante o período em análise, o programa de informação com a maior duração entre os três canais – cerca de duas horas, sendo que a segunda hora era sempre dominada pelo programa *Guerra Fria*, dedicado à guerra na Ucrânia com os comentários de José Milhazes e de Nuno Rogeiro. A duração do programa só sofreu alterações com as transmissões dos jogos de futebol da *final-four* da Taça da Liga, que decorreram no final do mês de janeiro. Dos 21 dias analisados, em 10 não houve qualquer notícia desportiva. Quando as houve, a secção de Desporto costumava fechar o bloco da informação, antes do *Guerra Fria*.

Já a *Televisão Independente* iniciou as emissões pouco depois da *SIC*, a 20 de fevereiro de 1993 como o segundo canal privado televisivo português. O estatuto editorial dos dois órgãos é, por isso, muito semelhante: são orgulhosamente independentes dos diferentes poderes e procuram noticiar os principais acontecimentos da atualidade e política portuguesa e internacional. A *TVI* foi inicialmente detida por empresas da Igreja Católica, sendo vendida ao Grupo Média Capital em 1999. Recentemente, o Grupo esteve em negociações com a Cofina: em 2020, para ser vendido e em 2023 para comprar o detentor de títulos como o *Record* e o *Correio da Manhã*, mas nenhum dos negócios se concretizou.

No que toca ao *Jornal Nacional* da *TVI*, este teve, no geral, uma hora e 45 minutos de duração. Só houve uma secção de notícias desportivas em 14 dos dias observados, que, tal como

[17] Fonte: RTP – Missão: https://media.rtp.pt/empresa/rtp/missao/.

aconteceu na *SIC*, ocorria perto do fim do programa. Refira-se ainda que, na grande maioria dos casos, o futebol era o tema dominante das notícias desportivas nestes programas.

Durante o mês de janeiro de 2024, onde se centrou a análise deste trabalho, a *SIC* foi o líder de audiências nacional, segundo um comunicado do Grupo Impresa: "em janeiro a *SIC* é o canal mais visto da televisão portuguesa com 15.0% de *share*, contra 14.7% da *TVI* e 11.5% da *RTP1*"[18].

Analisou-se então nove órgãos da comunicação social portuguesa, diversificados e em suportes diferentes, tendo em vista conseguir uma visão mais abrangente da cobertura jornalística deste campeonato europeu de andebol.

2.3 - Recolha e tratamento de dados

Relativamente à recolha de informação, esta foi feita a partir das edições em papel dos seis jornais já referidos e da visualização dos telejornais dos três canais igualmente mencionados. Após a leitura dos jornais e visionamentos dos telejornais, foi criada uma grelha de análise, para categorizar e organizar a informação recolhida relativamente ao objeto de estudo desta investigação.

Para a imprensa, foram criadas várias categorias de análise, que requeriam, primeiro, uma análise célere: o total de peças que cada jornal fez sobre o tema, a presença do tema nas capas dos jornais (com e sem imagem), a extensão das peças, o espaço que as peças e as imagens ocupavam dentro do jornal e qual a sua localização dentro do mesmo. Depois, foram acrescentadas outras categorias que requereram a leitura dos próprios artigos: os géneros jornalísticos dos mesmos, os temas abordados em cada um deles, e os atores sociais mais vezes mencionados.

No que diz respeito à análise dos telejornais, a grelha de análise criada foi necessariamente diferente da utilizada para os jornais. Incluiu-se, desde logo, a duração das peças e a posição que ocupavam em cada programa. De resto, foram mantidas as seguintes categorias usadas na análise dos jornais: o total de peças, o género jornalístico, os temas mencionados e os atores principais das peças.

Para a televisão, foram vistos todos os telejornais noticiosos que começaram às 20h00.

[18] Comunicado do Grupo Impresa: https://sdistribution.impresa.pt/data/content/binaries/a72/aa8/4de32257-e4bf-491c-8c35-4266fbf72a29/AUDIENCIAS-JANEIRO24--Live---Vosdal-.pdf.

No total, foram analisadas 126 edições de jornais e 63 telejornais. Daqui resultaram 104 peças jornalísticas – 61 de jornais desportivos, 27 de jornais generalistas e 16 dos telejornais – que compõem então o *corpus* de análise desta investigação.

Capítulo III – Estudo de caso: Análise e discussão de dados

3.1. Análise dos Jornais Desportivos

Neste capítulo iremos proceder à análise de conteúdo da cobertura jornalística do campeonato europeu de andebol realizada pelos jornais desportivos *A Bola*, *Record* e *O Jogo*, entre os dias 10 e 30 de janeiro de 2024. Começamos por apresentar um levantamento sobre o número total de artigos escritos sobre o tema e dos dias em que este foi abordado nos três jornais desportivos. A tabela 1, que se segue, mostra precisamente o número de vezes que cada órgão abordou este assunto.

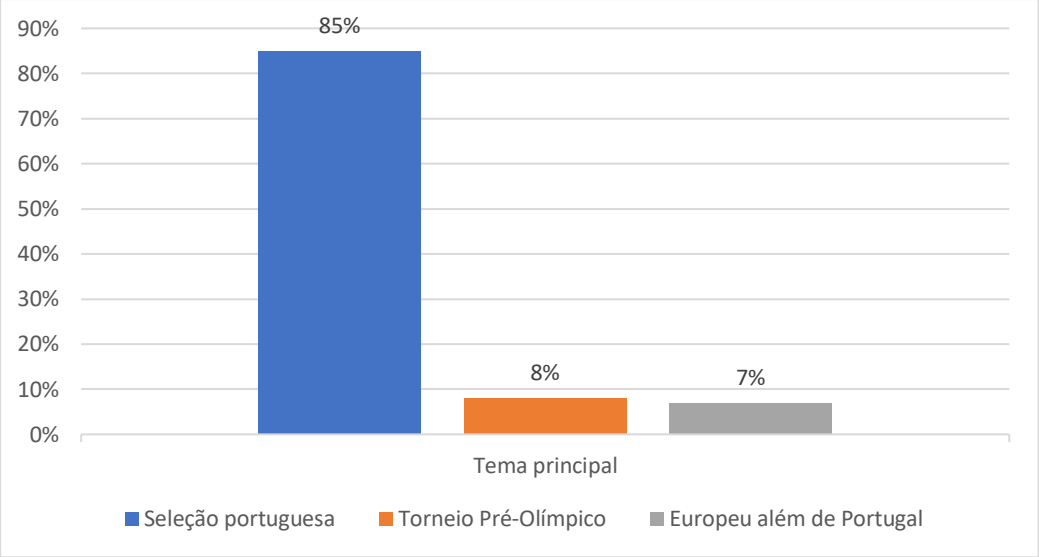
Tabela 1 – Nº total de artigos sobre o campeonato europeu de andebol publicados por cada jornal desportivo

Jornal	**N.º de artigos**
A Bola	20
Record	21
O Jogo	20
Total	61

Assim, os jornais publicaram um total de 61 artigos sobre o europeu de andebol, sendo o *Record* o único a fazê-lo em todos os dias em análise. No entanto, é necessário referir que *O Jogo* não foi publicado a 11 de janeiro, fruto da greve que o jornal, assim como os restantes órgãos do Global Media Group (*Jornal de Notícias* e *Diário de Notícias*), realizaram no dia anterior. Em todas as outras edições deste diário existiu sempre um artigo sobre o europeu. Por fim, *A Bola* só não publicou peças sobre o tema no último dia em análise, dois dias depois da final da competição e já seis dias após a eliminação de Portugal na prova.

Nesta análise identificou-se o tema principal de cada peça jornalística acerca do europeu, assim como todos os outros temas abordados nas peças. Concluiu-se que a seleção portuguesa foi, na maior parte das vezes, o assunto principal dos textos, como o gráfico seguinte (n.º 1) revela.

Gráfico n.º 1 – Tema principal das peças jornalísticas sobre o europeu de andebol nos jornais desportivos

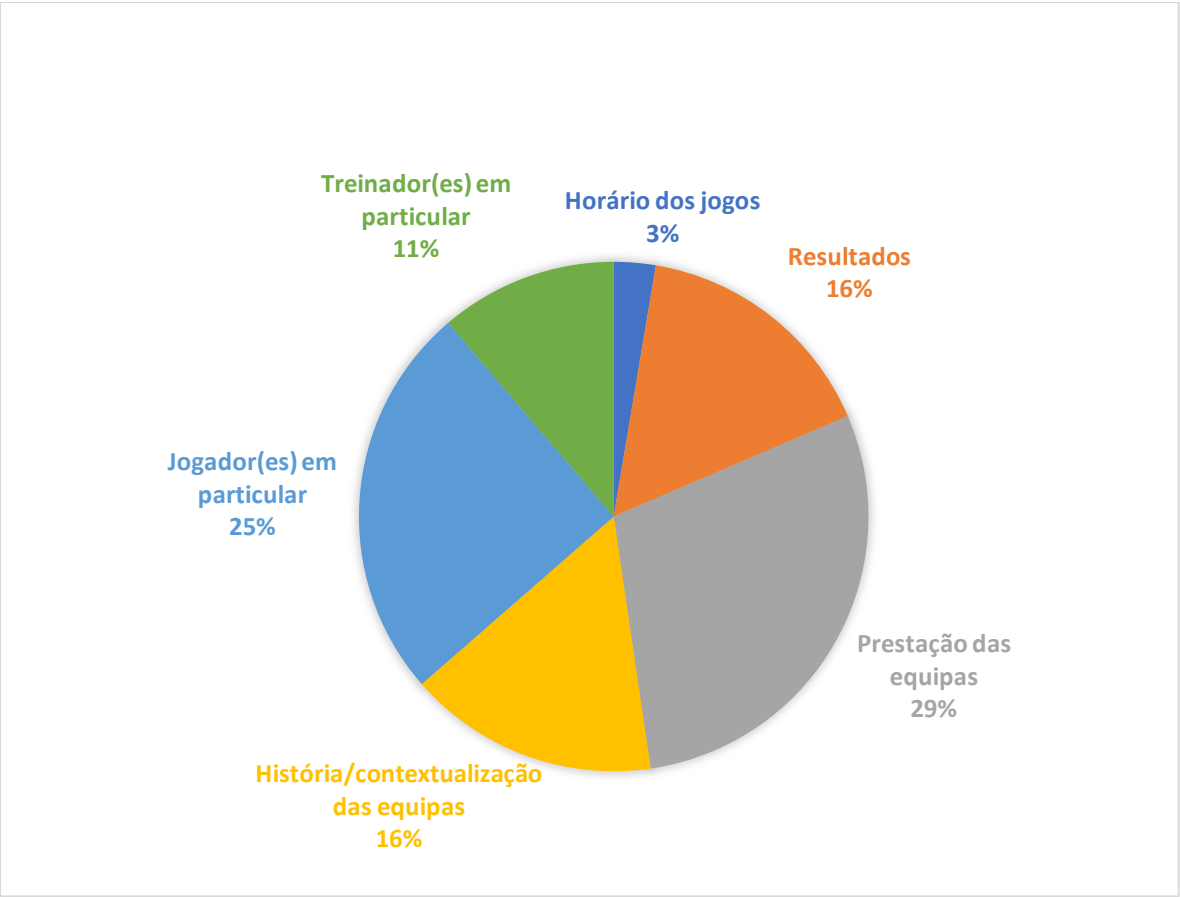


Dos 61 artigos analisados, cerca de 52 tiveram a Seleção como tema principal, ou seja, 85%. Todos os artigos que tiveram o torneio Pré-Olímpico como tema principal ocorreram após a eliminação de Portugal do europeu. Por sua vez, o europeu em geral, com foco noutras equipas e/ou jogadores para além dos portugueses, foi o tema principal dos textos em 7% dos casos. O jornal que melhor reflete esta realidade é *A Bola*, primeiro pela ausência de chamadas de capa sobre o europeu após a eliminação de Portugal da prova e , depois, dada a redução do tamanho dos artigos dedicados ao europeu após o mesmo facto.

A edição de dia 29 de janeiro – um dia após a final do torneio, onde a França venceu a Dinamarca, mas também o dia após a eleição do jogador português Martim Costa para a melhor equipa do torneio – é, porventura, a que melhor ilustra o foco principal dos jornais desportivos neste europeu, tornando evidente a preferência por uma abordagem de âmbito nacional. Nesse dia, *A Bola* reservou um quarto de página para destacar o feito de Martim Costa, deixando para o fim uma curta menção à final do europeu. No *Record*, Martim Costa ocupa praticamente uma página inteira e a vitória da seleção de França apenas um curto parágrafo. *O Jogo* seguiu a mesma linha editorial, mas distinguiu-se por nem sequer mencionar a final da prova.

Além do tema principal, importa saber que outros temas, referentes ao europeu de andebol, mereceram a atenção dos jornais desportivos, o que se apresenta no gráfico seguinte (nº 2).

Gráfico n.º 2 – Subtemas mencionados pelos jornais desportivos



Como o tamanho das peças jornalísticas aumentou ao longo do europeu, na maioria das vezes, a seguir aos jogos de Portugal, a prestação das equipas acaba por ser o tema mais vezes abordado: 44 vezes no total (29%). Nestes casos, essa abordagem verifica-se frequentemente na capa, encontrando-se sempre no título dos artigos. Sendo a seleção portuguesa o tema principal, quase todo o destaque dos média desportivos foi dado à prestação desta no europeu, o que serviu muitas vezes também para caracterizar, por comparação, a prestação dos adversários de Portugal.

Os jogadores foram tema de artigos em 38 ocasiões (25%). Foi recorrente a sua identificação através da expressão "Heróis do Mar", logo seguida da caracterização dos jogadores, das suas atitudes ou de um jogo em particular. A edição de 14 de janeiro de *O Jogo* é, a este respeito, particularmente ilustrativa, através da utilização de expressões apreciativas como: "deram uma remada gigantesca", "queriam aportar em Hamburgo", "darem um valente puxão à amarra", "A «caravela» navegava conforme os desejos do capitão" e "a nau navegou rumo a bom porto"[19]. Sendo os jogadores portugueses os grandes protagonistas deste europeu e, por consequência, da cobertura mediática realizada à prova, consideramos útil contabilizar as

[19] *O Jogo,* 14 de janeiro de 2024, p. 34.

referências feitas a cada jogador pelos três diários desportivos, separando-os por jornal (Anexo 1), incluindo ainda o selecionador Paulo Pereira, dada a sua relevância no contexto da seleção.

Martim Costa (35 menções) foi, de longe, o jogador mais destacado, por ter sido um dos melhores marcadores do europeu e por fazer parte da equipa ideal do torneio. O seu irmão mais novo, Francisco, foi o segundo jogador com mais menções (24). Paulo Pereira (33) foi o segundo português mais destacado pelos média, sendo referidas, sobretudo, as declarações do treinador após os jogos da equipa. Além disso, o técnico deu também uma entrevista em exclusivo ao diário *A Bola* e fez parte de uma reportagem de *O Jogo*, quando a seleção regressou a Portugal (ambas as peças saíram a 25 de janeiro). Paulo Pereira foi ainda o único selecionador que mereceu destaque durante todo o europeu.

De resto, regressando aos subtemas desta cobertura jornalística, mencione-se ainda outros dois que foram mencionados o mesmo número de vezes (24): a História/contextualização das equipas e os resultados obtidos.

O primeiro subtema foi muito usado para falar da história da seleção de Portugal em europeus, algo importante para explicar porque é que um 7.º lugar e o apuramento para o torneio pré-olímpico foram resultados positivos. Ou seja, o recurso à história afigura-se como fundamental para contextualizar a participação portuguesa no europeu de 2024. Tal também é usado para caracterizar os adversários de Portugal, como *A Bola* fez a 22 de janeiro, depois da derrota com a Suécia, que vencera o europeu de 2022: "A tarefa de derrotar a atual campeã em título, a Suécia, e garantir um lugar no top-4 provou ser demasiado difícil"[20]. Só colocando os acontecimentos no seu contexto é que é percetível a importância dos mesmos e, ao longo deste europeu, os três jornais não deixaram a história de fora da cobertura noticiosa.

Em relação aos resultados obtidos, houve referência aos sete jogos de Portugal e essa menção não foi apenas feita no dia imediatamente após os mesmos.

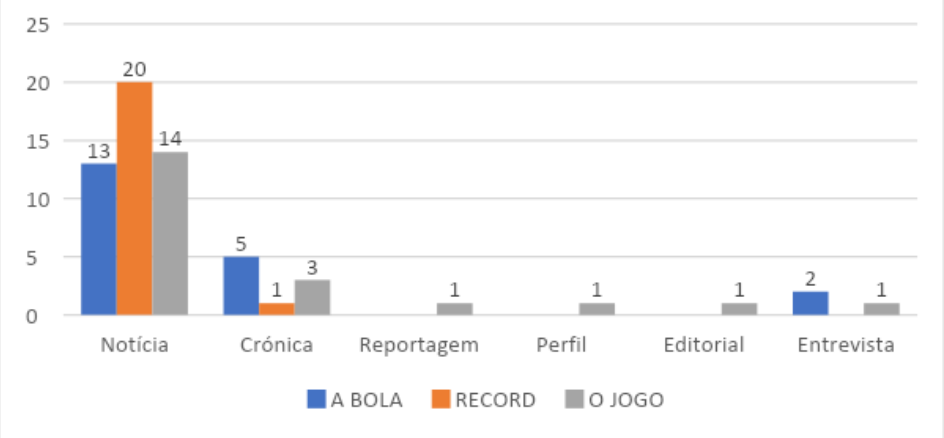
Por fim, os horários das partidas só fizeram parte dos subtemas dos artigos em cinco ocasiões – três no jornal *A Bola* e duas no *Record*. *O Jogo* nunca mencionou o horário de qualquer partida nos seus artigos. Este foi um tema pouco abordado no geral, tendo em conta que todos os jogos de Portugal foram transmitidos na *RTP2* e essa informação nunca foi dada nos artigos.

Relativamente aos géneros jornalísticos mais presentes na cobertura do europeu de andebol, verificamos, desde logo, que não existiu uma grande variedade, tendo a notícia sido o género

[20] *A Bola*, 22 de janeiro de 2024, p. 27.

mais utilizado. Note-se que, como indica José Rebelo (2002), "nenhum dos géneros existe em estado puro, ou seja, a maior parte dos textos jornalísticos integra características próprias de diferentes «géneros»" (p.129). Deste modo, cabe "ao analista determinar, em cada um dos casos, qual o «género» dominante", sendo que a "distinção é, por vezes, extremamente difícil de fazer" (Rebelo, 2002, p. 129). É, pois, tendo esta consciência que aqui se procedeu à análise dos géneros jornalísticos que predominaram nos periódicos (gráfico n.º 3).

Gráfico n.º 3 – Géneros jornalísticos predominantes nos jornais desportivos



Como se pode observar no gráfico n.º 3, *O Jogo* foi o jornal que mais explorou e se aventurou nas formas de escrita jornalística, para dar diferentes perspetivas sobre o tema em estudo. Assim, realizou o maior investimento nas suas peças ao longo do europeu, devido à quantidade de géneros jornalísticos que experimentou: a notícia, a reportagem, o perfil e o editorial (ainda que estes três últimos só tenham sido utilizados uma vez).

A 30 de janeiro, foi apresentado um perfil do jogador Martim Costa com base numa entrevista aos pais do jogador. Foi também feita uma reportagem à chegada dos jogadores a Portugal, depois do europeu, no Aeroporto Francisco Sá Carneiro, no Porto. O fator proximidade geográfica beneficiou, neste caso, *O Jogo*. Já o artigo de opinião de Miguel Laranjeiro, presidente da Federação de andebol de Portugal, publicado a 26 de janeiro, reflete acerca da (falta de) importância que o andebol tem na cultura desportiva portuguesa. Estes são, assim, o único perfil, a única reportagem e o único editorial escritos sobre o europeu de andebol na imprensa desportiva nacional. Todos publicados no mesmo periódico: *O Jogo*.

Em contrapartida, 20 das 21 peças jornalísticas do *Record* foram notícias, nas quais prevalecem a descrição dos jogos e a análise do comportamento da seleção de Portugal. Somente uma crónica interrompeu o padrão noticioso do *Record*, a 16 de janeiro, após a derrota dos

portugueses com a Dinamarca, que o jornal atribuiu, em parte, a "um muro na baliza"[21] dinamarquesa (o guarda-redes Niklas Landin).

Destes três órgãos, *A Bola* é o que apresenta mais peças com declarações em exclusivo (cinco), tendo o *Record* quatro e *O Jogo* duas. Este é um aspeto relevante porque *A Bola* é o jornal em que surge mais nítida a mistura de géneros nos artigos, utilizando muitas vezes essas declarações para acrescentar informação às notícias sobre os jogos de Portugal. Jogos esses que motivaram quase sempre uma crónica por parte do jornal, para enaltecer, por exemplo, a vitória de Portugal sobre a favorita Noruega a 18 de janeiro, dizendo que a equipa lusa fez "a melhor exibição do europeu" frente a uma equipa que tem "um dos melhores ataques do mundo" e "ambições dos primeiros lugares"[22].

A imagem teve bastante destaque na cobertura jornalística do europeu. Cabe salientar, como lembra Maria José Mata, que a "imagem dá-se a ler como um texto coerente, constituído por elementos da expressão e por elementos de conteúdo. O plano da expressão organiza a visibilidade do texto visual. O plano do conteúdo organiza a sua legibilidade ou compreensão" (2004, p. 105).

As imagens fazem parte "da construção de um imaginário sobre a própria realidade (…) que ultrapassa a experiência pessoal para se converter em formas coletivas de interpretar a realidade" (Mata, 2004, p. 107). No entanto, como explica Jorge Pedro Sousa, "a fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem" (2001, p. 442). Deste modo, é pertinente olhar para como cada jornal usou esta forma de construir a realidade sobre o europeu de andebol. A tabela seguinte (2) mostra o número total de imagens utilizadas por cada jornal, assim como o seu tamanho (excluindo as capas dos jornais).

Tabela 2 – Imagens utilizadas nos jornais desportivos e respetivo tamanho

Tamanho das imagens	***A Bola***	***Record***	***O Jogo***
Até ¼ de página	36	54	46
Entre ¼ e meia página	2	1	7
Mais de meia página	1	3	3

[21] *Record*, 16 de janeiro de 2024, p. 28
[22] *A Bola*, 18 de janeiro de 2024, p. 28

Total de imagens utilizadas	39	58	56

Desde logo, salienta-se que cerca de 89% das 153 imagens sobre o europeu de andebol publicadas nos jornais foram de tamanho pequeno, ou seja, ocuparam menos de ¼ de uma página. Apesar de a quantidade ser reduzida, *O Jogo* publicou o maior número de imagens de tamanho médio (entre ¼ e meia página) e grande (mais de meia página), em comparação com os outros dois periódicos.

O jornal que utilizou mais fotografias foi o *Record*. Todavia, entre essas 58 imagens, conta-se a publicação, a 10 de janeiro, das caras dos 18 jogadores portugueses em competição, acompanhadas por pequenas biografias de cada um. Foi um investimento visual – dar a conhecer todos os jogadores nacionais - que nenhum dos outros jornais fez, mas que acabou por elevar consideravelmente o número total de fotografias utilizadas no jornal. Se retirarmos essas 18 fotografias, o total cai para 40, o que é apenas mais uma do que aquelas que *A Bola* publicou. Deste modo, pode afirmar-se que *O Jogo* foi, destes três periódicos, aquele que apostou mais em imagens para destacar o europeu de andebol, devido também ao facto de o jornal conceder bastante espaço a declarações de jogadores e/ou do selecionador português, que eram acompanhadas das respetivas fotografias.

A Bola foi o jornal que menos apostou neste elemento visual, sendo que a grande maioria (92%) das imagens que publicou eram pequenas. Tal também se deve, como veremos já a seguir, ao reduzido espaço disponibilizado para as peças sobre o tema, o que acabou por diminuir o tamanho das imagens.

Interessa também ver quem está presente nessas imagens publicadas na imprensa, o que nos mostra a tabela 3.

Tabela 3 – Atores sociais presentes nas imagens publicadas pelos jornais desportivos

Atores sociais nas Imagens	***A Bola***	***Record***	***O Jogo***	**TOTAL**
Paulo Pereira	6	9	10	**25**
Diogo Rêma	1	4	3	**8**
Martim Costa	9	10	11	**30**

Francisco Costa	3	3	3	**9**
Gustavo Capdeville	0	1	0	**1**
Rui Silva	2	3	3	**8**
António Areia	0	2	1	**3**
Pedro Portela	1	3	4	**8**
Salvador Salvador	1	1	0	**2**
Miguel Martins	0	2	3	**5**
Luís Frade	1	1	3	**5**
Fábio Silva	1	1	0	**2**
Pedro Oliveira	0	2	0	**2**
Seleção como um todo	5	4	2	**11**
Gilberto Duarte	0	2	3	**5**
João Ferraz	0	1	0	**1**
Leonel Fernandes	0	2	0	**2**
Alexandre Cavalcanti	0	1	0	**1**
Joaquim Nazaré	0	1	2	**3**
Ricardo Brandão	0	1	0	**1**
Gonçalo Oliveira	0	1	0	**1**
TOTAL	**30**	**55**	**48**	**133**

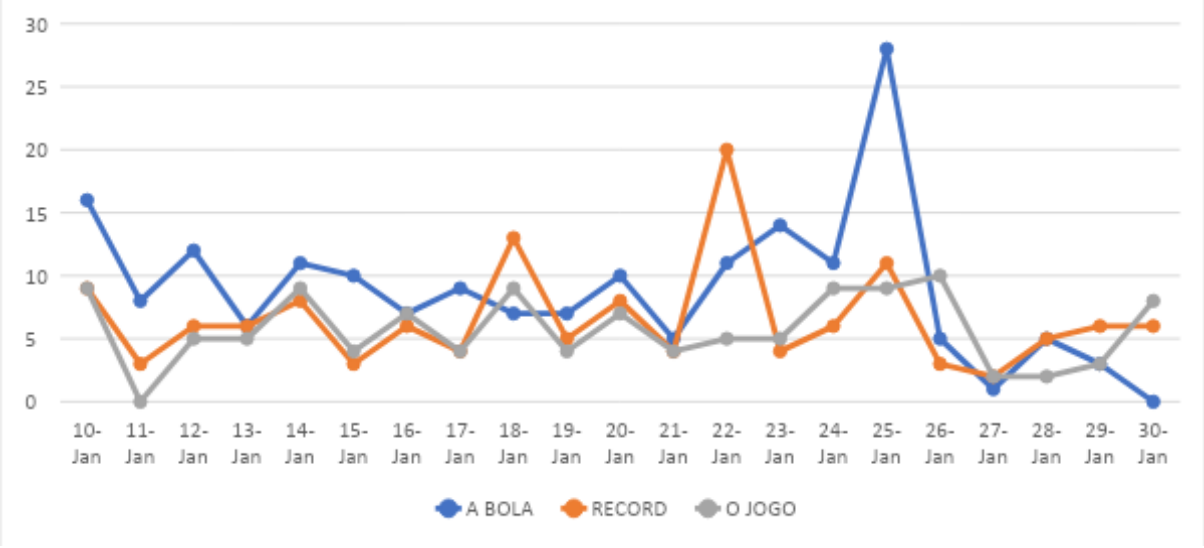
Martim Costa foi o principal protagonista das imagens dos três jornais desportivos, devido ao facto de ter sido, em quase todos os jogos, o melhor marcador da equipa, o que também o levou a ser incluído na equipa ideal do torneio. O jogador que mais se aproxima das 30 fotografias que Martim Costa protagonizou foi o seu irmão Francisco, presente em nove, sendo que este foi sobretudo mencionado por ser, precisamente, irmão de Martim Costa.

Paulo Pereira, treinador da equipa, surge em 25 fotografias, muitas vezes por ser a voz das declarações reproduzidas nos artigos, quase sempre acompanhadas de uma imagem do treinador.

Maria José Mata defende que um dos "poderes" da fotografia é "a sua força simbólica e interpretativa". "Como instrumentos de memória, as fotografias devem ser consideradas referências de valor de verdade e simbolismo" (2004, p. 108). Ao ser Martim Costa o jogador que figura em mais imagens nos jornais desportivos durante o europeu de andebol, ele acaba por ser o jogador que representa e simboliza o sucesso da seleção portuguesa. É ele que fica para a memória como o rosto da equipa. Paulo Pereira, por ser o treinador e, por isso, o líder da equipa, também tem um papel semelhante, sobretudo pelo facto de a conquista do 7.º lugar no final da competição ser considerada um resultado positivo.

Analisemos agora um outro aspeto da cobertura jornalística dos jornais desportivos. O gráfico seguinte (nº 4), dividido por dias e por jornal, revela a extensão dos textos que se debruçaram sobre o europeu.

Gráfico n.º 4 – Extensão dos artigos publicados nos jornais desportivos



Os três diários publicaram artigos com extensão muito semelhante, nomeadamente relacionados com os jogos de Portugal no europeu (dias 11, 13, 15, 17, 19, 21 e 23 de janeiro).

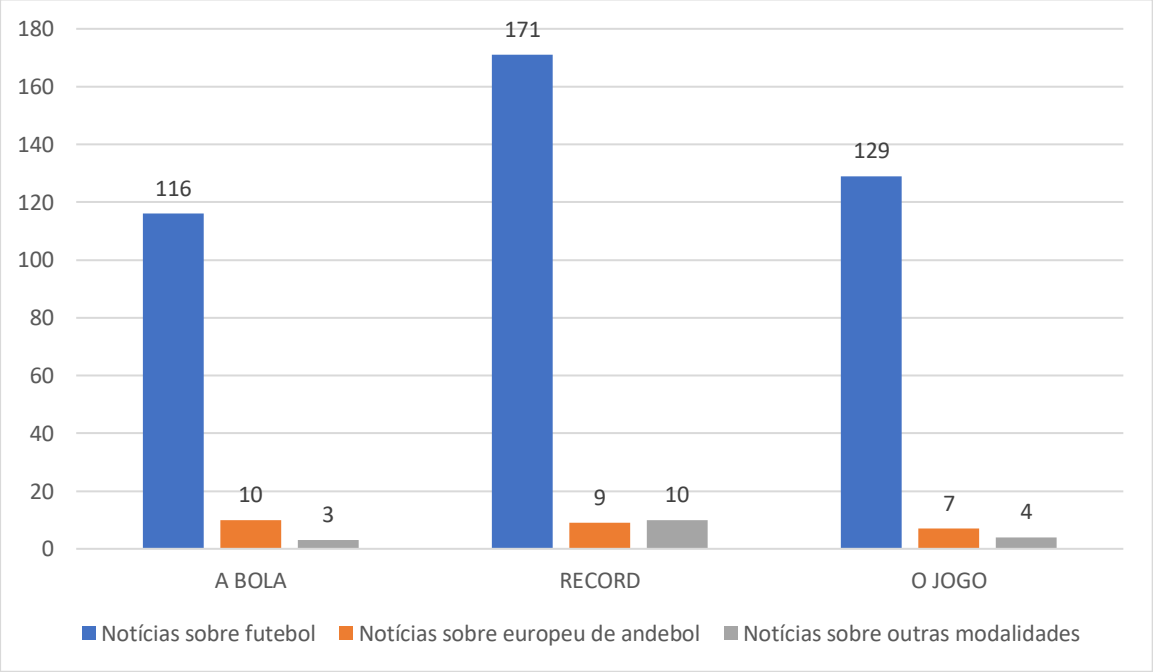
No geral, os jogos de Portugal deram origem a peças maiores por contraste com outros jogos e temas. Só *A Bola* escapou, por vezes, a esta regra. Mas *A Bola* foi também o jornal que publicou, a 25 de janeiro, o maior artigo de todo o europeu, disponibilizando 28 parágrafos para uma entrevista a Paulo Pereira. Já *O Jogo* não apresentou artigos longos, chegando apenas

uma vez aos 10 parágrafos, a 26 de janeiro. Mas até foi o jornal nortenho que teve a maior média de parágrafos entre os periódicos, com um valor de 8,5 por texto, com *A Bola* a registar uma média de oito parágrafos e o *Record* de 7,5. Assim, em média, a extensão dos textos foi semelhante nos três periódicos.

Nos últimos quatro dias de análise, há uma diminuição do tamanho das peças que é transversal a todos os jornais. Neste período, os artigos tiveram em média 3,6 parágrafos, o que reforça a ideia de que o foco destes órgãos de informação durante o europeu de andebol foi o desempenho de Portugal e não a competição em si.

No que respeita à presença do europeu de andebol nas primeiras páginas dos jornais desportivos, o gráfico seguinte (nº 5) mostra o número de notícias relacionadas com o tema que apareceram nas capas dos jornais desportivos, comparando-as com o número de notícias sobre futebol e sobre outras modalidades (para além de andebol e de futebol) que também surgiram nas primeiras páginas.

Gráfico n.º 5 – Temas presentes na primeira página dos jornais desportivos



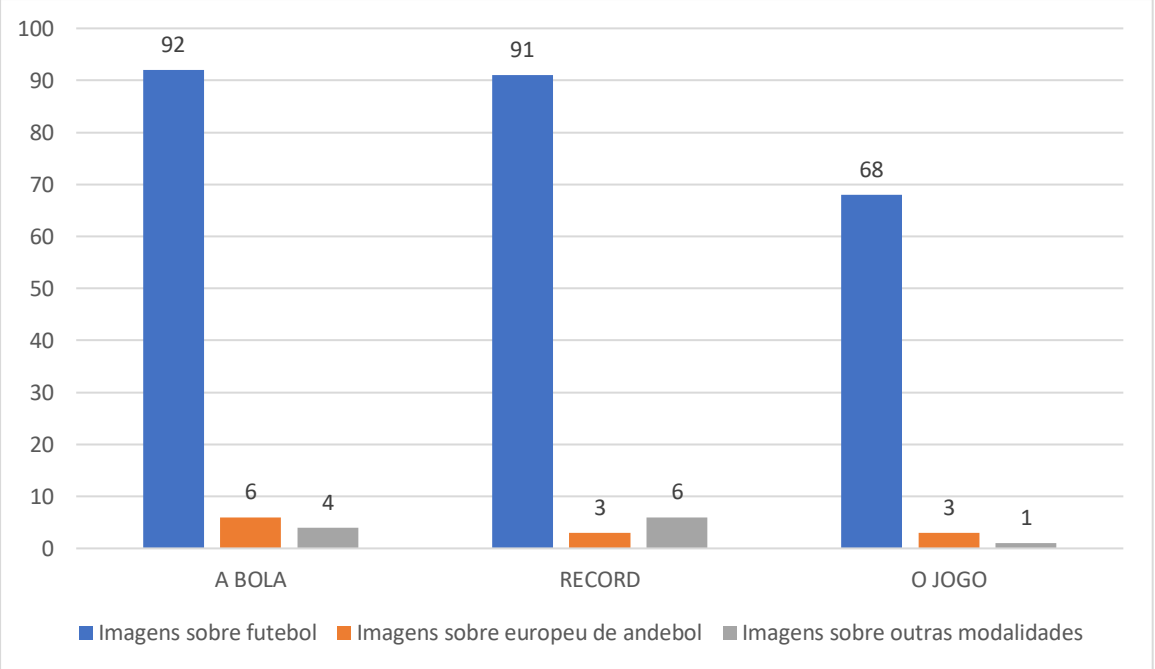
Do total de 459 notícias que figuraram na primeira página dos jornais durante o período analisado, cerca de 26 (sensivelmente 6%) diziam respeito ao europeu de andebol, sendo que *A Bola* destacou-se por fazer mais chamadas de capa sobre o tema (10). Note-se que entre os três jornais, o andebol, devido ao europeu, foi, durante o período em análise, a segunda

modalidade com mais presenças na capa (a seguir ao futebol). Existiram apenas 17 notícias sobre outros desportos.

Estes números mostram ainda um crescimento da presença do andebol nos média, pelo menos em relação a 2010, ano em que, segundo apurou Adérito Esteves (2010, pp. 87, 90 e 93), *A Bola* só fez quatro chamadas de capa com o andebol, o *Record* cinco e *O Jogo* 23 . Sublinhe-se, no entanto, que estes números dizem respeito a todo o ano de 2010, tendo havido então 32 notícias de andebol nas capas dos desportivos. Já em 2024, durante o período de 10 a 31 de janeiro, houve 26.

No que toca à presença de imagens do europeu nas capas dos jornais, o gráfico n.º 6, a seguir, mostra-nos a diferença que existiu na representação visual em artigos sobre futebol, o europeu de andebol e as restantes modalidades que estiveram nas primeiras páginas.

Gráfico n.º 6 – Temas das imagens presentes na primeira página dos jornais desportivos



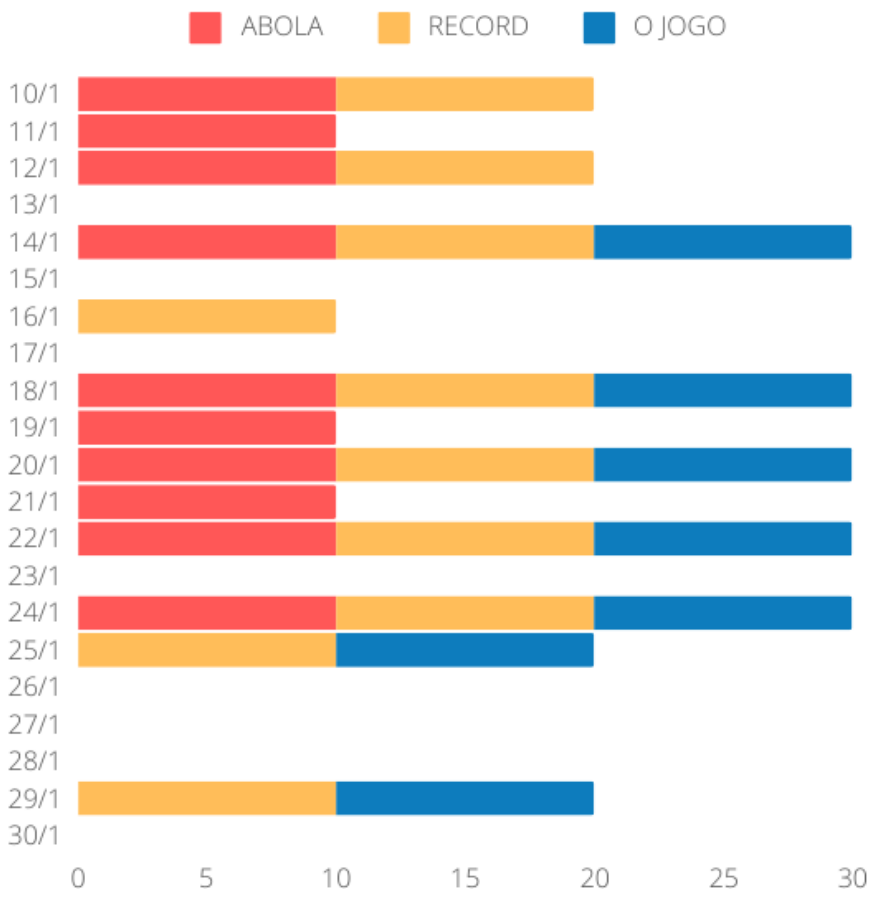
Todas as primeiras páginas analisadas dos três jornais tinham pelo menos duas fotografias sobre futebol. Neste aspeto, *A Bola* e o *Record* foram os que apostaram mais neste elemento visual e em algumas ocasiões colocaram quatro fotografias sobre futebol na sua primeira página. Foi por isso que ambos tiveram praticamente o mesmo número de fotografias ao longo deste período (92 para *A Bola* e apenas menos uma para o *Record*). *O Jogo* usou apenas 68 imagens sobre futebol na capa.

O contraste com outras modalidades é evidente. Ainda assim, houve diferenças entre os periódicos. Olhando para o europeu de andebol, *A Bola* foi o jornal que mais o destacou, com uma imagem, ao longo da competição, fazendo-o tantas vezes – seis – como a totalidade dos outros dois jornais juntos (três cada).

Assim, apesar de o destaque dado ao andebol poder parecer quase insignificante em relação àquele que o futebol teve, é importante notar que esta modalidade – devido ao europeu – foi a segunda mais vezes mencionada nas capas dos diários desportivos. O ténis foi o único desporto que, para além do andebol, teve imagem nas capas destes três jornais, devido à qualificação de Nuno Borges para os oitavos de final do Open da Austrália. De resto, *A Bola* ainda utilizou três imagens de futsal (todas sobre a vitória do Sporting na final da Taça da Liga sobre o Benfica) e o *Record* destacou o mesmo tema, mas só por uma vez. Este jornal ainda utilizou fotografias do ciclismo de pista e do skate.

De seguida, olhamos para os dias em que o europeu de andebol esteve na primeira página destes jornais. O gráfico nº 7 ilustra essa realidade.

Gráfico n.º 7 – Dias em que o europeu de andebol figurou nas capas dos jornais desportivos



A Bola concedeu ao europeu de andebol um destaque mais contínuo e frequente na capa desde o início do campeonato (a 10 de janeiro) até ao dia após o último jogo de Portugal na competição – 24 de janeiro. Depois, o tema perdeu importância para o jornal e não voltou a aparecer na capa. O destaque que *O Jogo* deu foi praticamente inverso, uma vez que começou de forma esporádica (apenas uma chamada de capa na primeira semana em análise), mas aumentou a frequência com o desenrolar da competição. Já o *Record* destacou o europeu na primeira página de forma mais consistente ao longo de todo o período em análise.

Importa notar que os três jornais desportivos fizeram uma chamada de capa com o europeu de andebol em apenas cinco dias – 14, 18, 20, 22 e a 24 de janeiro - em todos os casos, para noticiar um jogo de Portugal na prova.

O dia 18 foi o de maior entusiasmo patriótico nas capas dos jornais. Portugal derrotara a Noruega pela primeira vez em 20 anos e o feito foi amplamente celebrado pelos diários, tendo todos incluído uma fotografia na capa e descrições de "heroísmo" da equipa portuguesa[23]. Este

[23] Título de *A Bola*: "Só para super-heróis" (*A Bola*, 18 de janeiro de 2024, p.1); Título do *Record*: "Seleção derruba gigante" (*Record*, 18 de janeiro de 2024, p.1); Título de *O Jogo*: "Heróis do mar derretem nórdicos" (*O Jogo*, 18 de janeiro de 2024, p.1).

foi, de resto, o único dia em que o europeu de andebol foi destacado com uma fotografia nas capas de todos os jornais desportivos.

É também relevante mencionar que o tema em estudo nunca foi aquele que obteve maior destaque na capa de qualquer um destes diários. Em algumas edições o europeu foi o assunto da notícia com a segunda maior fotografia da primeira página, mas, na maioria dos casos em que constituiu uma chamada de capa (27 vezes totalizando os três jornais), o europeu de andebol não teve fotografia (tal só ocorreu em 12 ocasiões).

As capas de *A Bola*

Desde cedo que *A Bola* quis criar entusiasmo à volta da presença de Portugal no europeu de andebol, com quatro chamadas de capa nos primeiros cinco dias. O título do primeiro dia da prova – "Europeu começa hoje e uma Seleção Nacional renovada tem sonho Olímpico"[24] - apresenta a seleção e define o objetivo da mesma na prova (a qualificação para o torneio pré-olímpico) um facto para em relação ao qual o leitor casual poderia não estar ao corrente. Na capa surge ainda uma fotografia da equipa portuguesa.

Assim, o foco do jornal é criar expectativa e emoção em torno da seleção, continuando a fazê-lo nos dois dias seguintes, deixando que os acontecimentos falem por si através de títulos informativos e indicativos, segundo a avaliação de Mário Mesquita (2022, p.29). No entanto, sendo este o jornal desportivo que mais vezes destacou o europeu na sua capa, o tema foi sempre relegado para um canto da mesma, na maior parte das vezes, o assunto com menor espaço na página.

Terminado este destaque inicial, a 14 de janeiro, o jornal colocou na primeira página a qualificação de Portugal para a "Main Round" do europeu, estando assim cumprido o primeiro objetivo da equipa na competição. É ainda explicado, na capa, que este marco coloca Portugal "entre os 12 melhores da Europa"[25].

Depois de um interregno de quatro dias, *A Bola* inicia uma série de cinco capas consecutivas com o europeu, não dando apenas destaque aos resultados de Portugal, mas também às antevisões das partidas, destaque motivado pelas vitórias (quatro nos primeiros cinco jogos do europeu) de Portugal.

[24] *A Bola*, 10 de janeiro de 2024, p.1.
[25] *A Bola*, 14 de janeiro de 2024, p.1.

A 20 de janeiro, depois do triunfo sobre a Eslovénia, a capa do jornal volta a recordar o objetivo de Portugal, nunca colocando a seleção como uma das favoritas a ganhar o europeu, mas salientando que o "sonho do pré-olímpico vai ganhando forma"[26]. Curiosamente, dois dias depois, o título da capa do jornal é "Suécia desfaz sonho português", neste caso referindo-se ao sonho de chegar, pela primeira vez, às meias-finais de um europeu. Assim, esse "sonho" português acaba por ganhar outra forma, devido precisamente às prestações da equipa portuguesa.

Ora, com o fim desse "sonho", praticamente acabou a presença do europeu na capa de *A Bola*. É verdade que, a 24 de janeiro, a prova teve o maior título na capa do jornal ao longo do europeu – "Heróis do Mar falham 5.º lugar, mas sonham com torneio pré-olímpico"[27] –, mas na última semana de análise, esta é a única vez que o europeu está na primeira página do jornal. O foco de *A Bola* foi a seleção nacional – e sobretudo os seus jogos – e não o europeu em si, o que explica o facto de o jornal deixar de destacar o tema imediatamente após a eliminação de Portugal da prova (ao contrário dos outros dois jornais desportivos).

As capas do *Record*

O *Record* foi o diário desportivo mais consistente com os destaques de capa que concedeu ao europeu de andebol, fazendo-o desde o primeiro dia de análise até ao penúltimo. Tal como *A Bola*, o foco do jornal foi a prestação da equipa portuguesa, o que se reflete no facto de, nas nove vezes em que o europeu marcou presença na primeira página do jornal, sete delas noticiaram todos os jogos de Portugal (dias 12, 14, 16, 18, 20, 22 e 24 de janeiro).

Nas primeiras três ocasiões, o campeonato europeu foi o assunto que teve menos destaque na capa ao ser colocado num canto da página (tal como fez *A Bola*) e só no dia 14 é que teve uma fotografia. Foi o início de uma tendência do jornal de apenas destacar o europeu na capa com fotografias após os jogos mais importantes de Portugal. Isso voltou a ocorrer no dia 18, para assinalar a vitória contra a Noruega, e logo com o título de maior exultação da seleção nacional, por parte do *Record*, durante o europeu: "Seleção derruba gigante"[28].

A última vez que uma fotografia do europeu apareceu na capa do *Record* foi a 22 de janeiro, para sinalizar a derrota de Portugal contra a Suécia que eliminou a equipa portuguesa do europeu. No entanto, o título é bastante informativo, contrariando a tendência do jornal neste

[26] *A Bola*, 20 de janeiro de 2024, p.1.
[27] *A Bola*, 24 de janeiro de 2024, p.1.
[28] *Record*, 18 de janeiro de 2024, p.1.

aspeto: "Acabou-se o sonho das 'meias'. Seleção a uma vitória do torneio pré-olímpico"[29]. Tal como *A Bola*, o *Record* faz questão de salientar que, apesar da eliminação, Portugal ainda tem um objetivo a cumprir no europeu, tema ao qual dá sequência a 24 de janeiro, depois do empate de Portugal com os Países Baixos (33-33), salientando: "Pré-olímpico em risco"[30].

No entanto, o *Record* ainda coloca na capa a confirmação dessa qualificação no dia seguinte. "Portugal no pré-olímpico"[31], é o título da primeira página, mantendo, no entanto, a tendência para nesta fase se fazerem títulos curtos e confinados a um canto da página. Essa característica da cobertura jornalística é confirmada a 29 de janeiro, um dia após a final do europeu (ganha pela França à Dinamarca), naquela que também será a última vez que o tema aparecerá na capa do *Record*. Devido ao foco na seleção de Portugal e não na competição em si, a capa destaca um jogador português, Martim Costa, por terminar a prova como o melhor marcador do torneio. Ainda assim, o europeu foi o tema que mereceu o menor destaque na capa desse dia.

Apesar de *Record* e de *A Bola* terem o mesmo foco – o desempenho de Portugal– os dois noticiam-no de forma ligeiramente diferente, tendo o primeiro destacado as principais conquistas da equipa, mesmo após esta ser eliminada, com destaque para a qualificação para o torneio pré-olímpico e a distinção de Martim Costa.

As capas de *O Jogo*

Através da capa, facilmente se percebe que *O Jogo* não deu muita importância ao início da competição, incluindo-a na primeira página apenas uma vez na primeira semana de análise (a 14 de janeiro) quando Portugal se qualificou para a "Main Round". Ainda assim, esta é a notícia com o menor destaque da capa e não tem nenhuma fotografia.

As boas prestações de Portugal na prova ganharam proeminência na capa do jornal nortenho com o desenrolar da competição. No dia 18, após a vitória de Portugal sobre a Noruega (37-32), o tema surge no topo da primeira página com uma fotografia dos portugueses aos saltos e o título apreciativo: "Heróis do Mar derretem nórdicos"[32]. Há ainda um subtítulo com o mesmo tom: "Triunfo brilhante no arranque da «Main Round»". Ao contrário dos concorrentes, *O Jogo* evidencia-se pelos longos títulos da capa.

[29] *Record*, 22 de janeiro de 2024, p.1.
[30] *Record*, 24 de janeiro de 2024, p.1.
[31] *Record*, 25 de janeiro de 2024, p.1.
[32] *O Jogo*, 18 de janeiro de 2024, p.1.

A edição do dia 22 de janeiro encerrou este destaque consistente de *O Jogo* ao europeu, com a derrota de Portugal contra a Suécia. No título, o jornal lamentou a derrota de Portugal: "Portugal chocou contra o iceberg"[33]. Esta informação foi complementada com um subtítulo mais informativo – "Derrota com a Suécia custa meias-finais do europeu, resta o pré-olímpico". Ao utilizar tanto um título como um subtítulo, o jornal consegue sempre seduzir o público com o primeiro mais criativo e informá-lo com o segundo, sendo esta uma opção editorial diferente da dos outros dois desportivos. Além disso, neste dia 22, *O Jogo* foi claramente o jornal que destacou mais o tema na capa.

A 25 de janeiro, já após a eliminação da seleção portuguesa, o europeu de andebol volta a ocupar o mesmo espaço que teve no dia 14 – o primeiro em que o tema apareceu na capa de *O Jogo* –, ou seja, no canto inferior direito. Tal como o Record, a notícia a destacar é: "Portugal apurado para o torneio pré-olímpico"[34]. No entanto, a capa não menciona a reportagem que o jornal publicava neste dia, acerca da chegada dos jogadores portugueses ao aeroporto.

Por fim, *O Jogo* faz a última capa com o europeu de andebol a 29 de janeiro, dando também conta do facto de Martim Costa ter sido "eleito melhor lateral-esquerdo do Euro 2024", com o título: "Martim Costa no topo da Europa". Este jornal não destoa dos concorrentes no sentido em que também se foca da presença de Portugal e não no europeu em si, destacando-se por ser, em três dias isolados, o diário que concedeu maior espaço ao europeu na sua primeira página.

3.2 - Análise dos Jornais Generalistas

De seguida, procede-se à análise da cobertura jornalística realizada pelos jornais de informação geral *Público*, *Correio da Manhã* e *Expresso*, que é, dada a natureza destes meios, necessariamente distinta da que foi apresentada pelos periódicos desportivos.

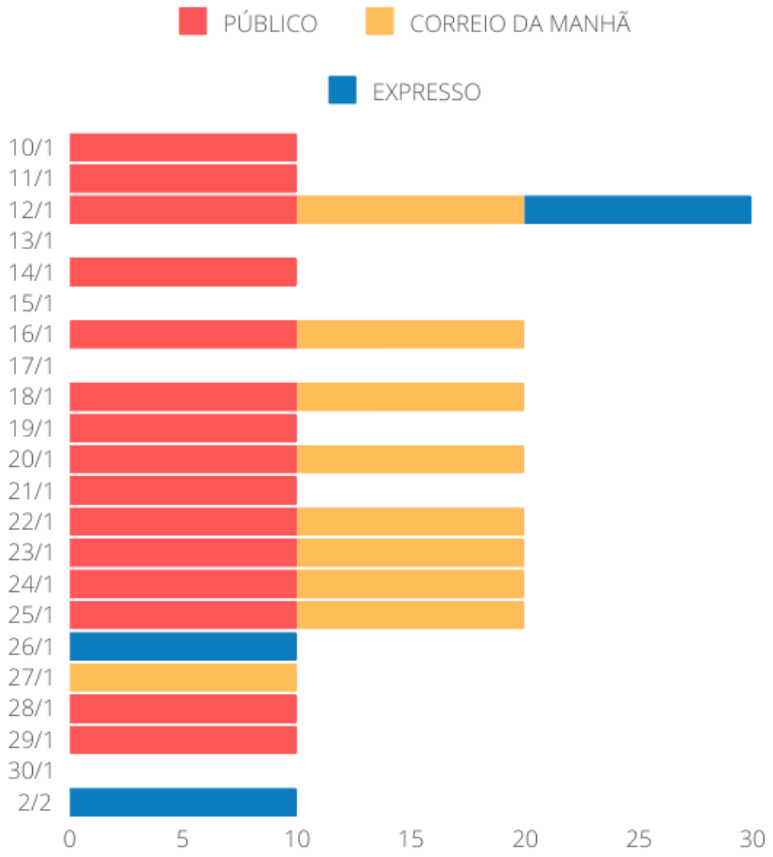
Começando por olhar para o número de artigos elaborados sobre o europeu de andebol, o *Público* abordou o tema em 15 dos 21 dias analisados, enquanto o *Correio da Manhã* só o fez em nove edições. Já o *Expresso*, único semanário estudado, fê-lo em três das quatro edições analisadas. Ou seja, o *Expresso* apresentou uma peça sobre o europeu em 75% das edições

[33] *O Jogo*, 22 de janeiro de 2024, p.1.
[34] *O Jogo*, 25 de janeiro de 2024, p.1.

analisadas, um registo ligeiramente superior ao do *Público* (71%) e bem maior do que o do *Correio da Manhã* (43%). Assim, esta análise é composta por um *corpus* de 27 artigos.

Como o europeu de andebol nunca esteve presente nas capas de nenhum destes órgãos, é pertinente descortinar os dias em que cada jornal optou por abordar este tema. O gráfico a seguir (n.º 8) demonstra isso mesmo.

Gráfico n.º 8 – Dias em que o europeu de andebol foi mencionado pelos jornais generalistas



O *Público* fez questão de iniciar a cobertura do europeu de andebol com três artigos nos primeiros três dias de análise, começando com um texto abrangente de antevisão à prova, em que o foco foi o europeu em si e não a seleção de Portugal (algo que raramente se verificou nos diários desportivos). Com o título "Um europeu de andebol com os favoritos do costume"[35], o texto foca-se na popularidade do andebol na Alemanha e nos três principais candidatos à conquista da prova (França, Dinamarca e Suécia), antes de escrever sobre Portugal. Somente no dia 11 é que a seleção nacional já foi o foco do texto, onde se ditou o seu objetivo: "Passar

[35] *Público*, 10 de janeiro de 2024, p. 39.

à «Main Round»"[36]. E a 12 de janeiro, o jogo de Portugal motiva novo artigo no *Público* e o primeiro no *Correio da Manhã* e no *Expresso* sobre o tema, em que o destaque é a vitória lusa contra a seleção da Grécia.

Nos cinco dias seguintes, o europeu de andebol não é o tema desportivo mais relevante nem para o *Público* nem para o *Correio da Manhã*. O primeiro noticia a vitória de Portugal no segundo jogo (a 14 de janeiro), enquanto o *Correio da Manhã* ignora esta vitória, mas noticia a derrota contra a Dinamarca, a 16 de janeiro (algo que o *Público* também faz).

Depois, a semana de 18 a 25 de janeiro é a mais rica em termos de artigos sobre o europeu de andebol nestes jornais. O *Público* publica oito peças nestes dias e o *Correio da Manhã* cinco. No primeiro deles, a vitória de Portugal contra a Noruega na primeira jornada da "Main Round" é o grande foco, com o *Público* a escrever no título que a seleção "abateu mais um gigante do andebol"[37]. Nota-se uma certa aproximação ao estilo de escrita dos jornais desportivos, que muito elogiaram esta vitória de Portugal.

Depois de, no dia 12, o *Expresso* ter dado conta do primeiro jogo de Portugal e de abordar o percurso recente da seleção nacional, no dia 19 o jornal decidiu não publicar qualquer notícia sobre o tema, ignorando os primeiros três jogos da equipa.

Uma nova vitória portuguesa, agora contra a Eslovénia, leva o *Público* e o *Correio da Manhã* a escreverem sobre o europeu a 21 de janeiro, mas no dia seguinte só o *Público* faz uma antevisão do encontro com a Suécia. Dá-se depois início a uma série de quatro dias em que estes dois jornais noticiam o tema em questão. Fazem-no devido à derrota de Portugal contra a seleção da Suécia, que impediu os portugueses de chegarem às meias-finais, mas que não os impedia de atingirem o objetivo de se qualificarem para o torneio pré-olímpico no jogo seguinte.

Até este momento, e à semelhança dos jornais desportivos, o foco dos jornais era o desempenho de Portugal no europeu. Mas a partir daqui, apesar de o foco continuar a ser Portugal, os jornais centram-se igualmente no torneio pré-olímpico – o jogo com os Países Baixos é visto como um jogo de qualificação para esse torneio. Até Portugal conseguir esse objetivo (dia 26), este é o aspeto principal dos artigos.

[36] *Público*, 11 de janeiro de 2024, p. 46.
[37] *Público*, 18 de janeiro de 2024, p. 38.

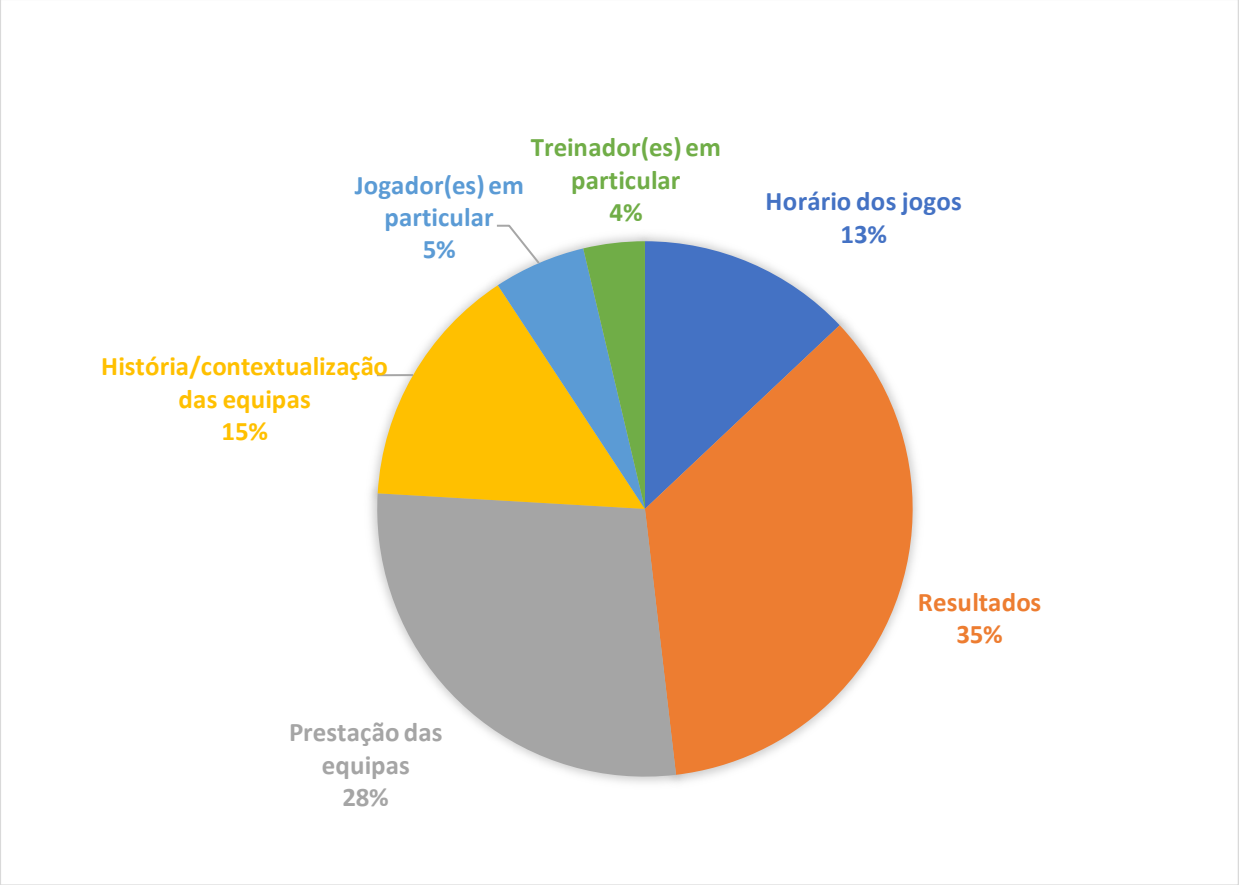
A edição de 27 de janeiro foi a única em que o *Correio da Manhã* abordou o europeu de andebol e o *Público* não. O pretexto para tal foi uma entrevista realizada ao selecionador nacional Paulo Pereira. Note-se, no entanto, que a peça saiu no suplemento *Mais Sport*, que acompanha o jornal aos sábados. A entrevista foca-se sobretudo no desempenho de Portugal e marca também a última vez que este jornal abordou o tema em estudo.

O *Público* ainda o fez a 28 e 29 de janeiro, dando destaque ao europeu em si, focando-se nas meias-finais e na final do mesmo, algo que distinguiu o jornal dos diários desportivos. De resto, com apenas duas notícias sobre o tema nos últimos cinco dias de análise, é notória a diminuição do interesse do jornal relativamente ao europeu após o fim da participação portuguesa.

O semanário *Expresso* ainda aborda o europeu de andebol na edição de 2 de fevereiro, mas focando-se nas conquistas de Martim Costa como o melhor lateral esquerdo e um dos dois melhores marcadores da prova. Este jornal mostrou, assim, que o seu foco foi sempre a seleção e os jogadores de Portugal e não o europeu de andebol, à semelhança do *Correio da Manhã*, que nem o resultado do jogo final noticiou.

Relativamente ao tema principal de cada artigo sobre o europeu de andebol nos órgãos generalistas, tal como aconteceu com a imprensa especializada, cerca de 85% das peças sobre o tema tiveram a Seleção de Portugal como tema principal (23 artigos no total) Os restantes 15% focaram-se no europeu em geral, quer abordando toda a competição ou os resultados de jogos que não envolvessem Portugal. Olhando para os outros subtema que foram mencionados pelos órgãos generalistas, estes são mencionados no gráfico nº 9.

Gráfico n.º 9 – Subtemas abordados pelos jornais generalistas nos artigos sobre o campeonato europeu de andebol



Ao contrário do que se verificou nos jornais desportivos, *Público*, *Correio da Manhã* e *Expresso* focaram-se muito mais nos resultados dos jogos, que foi o tema mais mencionado nestes textos (em 35% dos casos). Como já foi mostrado, tanto o *Público* como o *Correio da Manhã* tiveram tendência para só falarem do europeu de andebol após os jogos de Portugal. A vitória, o empate, ou a derrota da seleção foram sempre o ponto de partida do artigo.

Isso fez com que a prestação das equipas fosse o segundo tema mais abordado (em 28% dos artigos), uma vez que os resultados de Portugal resultaram em diferentes abordagens sobre as exibições. O triunfo sobre a Chéquia levou o *Público*, por exemplo, a dizer que "não se esperava outra coisa" (14 de janeiro) e o *Expresso* salientou que as vitórias sobre Noruega e Eslovénia colocaram a seleção "entre os colossos históricos do andebol" (26 de janeiro).

Houve, de facto, algum cuidado e preocupação em colocar no contexto a importância dos diferentes resultados e por isso é que a história/contextualização das equipas foi o terceiro tema com mais menções. Foram nomeadamente o *Público* e o *Expresso* que abordaram mais essa questão, destacando o percurso atual da seleção desde o início do período em análise. A 10 de

janeiro, o *Público* referiu que Portugal ia "tentar ir além do sexto lugar obtido em 2020"[38], que era o melhor resultado de sempre da seleção em europeus, mas também posicionou a França, a Dinamarca e a Suécia como as principais candidatas à conquista do torneio (e todas essas seleções chegaram às meias-finais). Já o *Expresso*, dois dias depois, explicou assim o percurso recente da seleção: "Já não é uma benesse, nem um feito incrível, ver Portugal a jogar num grande torneio. Entre 2006 e 2020 era uma miragem"[39].

Da parte do *Correio da Manhã*, a entrevista a Paulo Pereira a 27 de janeiro, no suplemente *Mais Sport*, foi o único artigo em que o jornal abordou este tema, através do selecionador, que celebrou o facto de Portugal "estar no top 7 europeu com uma equipa jovem"[40].

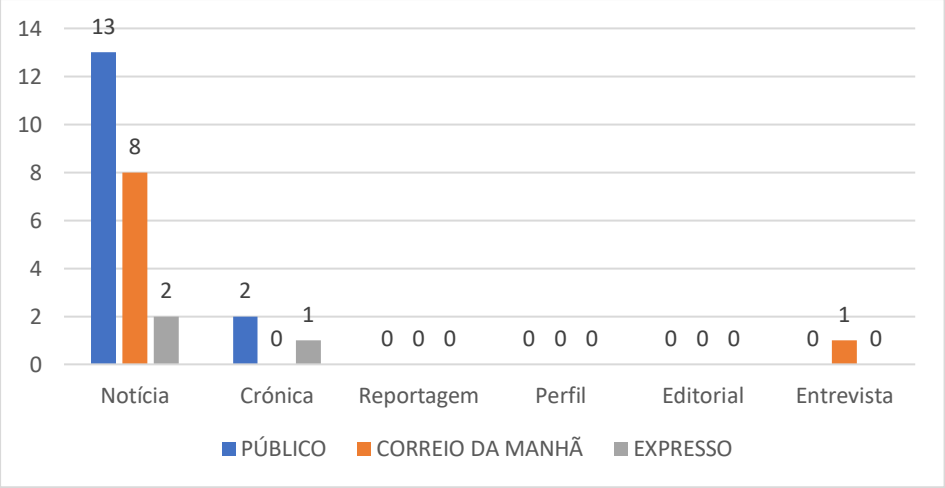
Os jornais generalistas destacaram mais os horários dos jogos do que os desportivos, sobretudo quando foram publicados artigos de antevisão das partidas. O *Expresso*, por ser um semanário, nunca abordou este tema, também devido ao facto de só ter feito artigos após o primeiro jogo de Portugal (a 12 de janeiro) e já depois de a seleção ter terminado a participação no europeu (26 de janeiro).

Ao contrário dos jornais desportivos, os generalistas deram uma atenção quase residual aos jogadores e a treinadores. Note-se que, tal como já se fez para os jornais desportivos, só foram contabilizados os jogadores como tema de peças quando estes recebiam algum destaque para lá de uma mera menção, quer fosse através de declarações ou de vários destaques individuais. O anexo 3 mostra todos os atores sociais portugueses que foram mencionados nos jornais generalistas – um total de 59 vezes – incluindo jogadores e o treinador, sendo este último aquele que figurou mais vezes em artigos (16 no total, espalhadas pelos três órgãos em questão). Martim Costa foi o jogador mais destacado, mas com metade das menções de Paulo Pereira. Tal como ocorreu nos jornais desportivos, Francisco Costa foi o segundo jogador com mais menções (seis) e todos os outros foram mencionados menos de cinco vezes no total.

Tal como foi feito em relação aos desportivos, também se analisaram os géneros jornalísticos predominantes nas peças dos jornais desportivos (gráfico nº 10).

Gráfico n.º 10 – Géneros jornalísticos predominantes nas peças dos jornais generalistas

[38] *Público*, 12 de janeiro de 2024, p.37.
[39] *Expresso*, 12 de janeiro de 2024, p.31.
[40] *Correio – Mais Sport*, 27 de janeiro, p. 2.



Dos 27 artigos analisados, 23 foram notícias. Notou-se pouco a mistura de géneros jornalísticos nas peças, ao contrário do que se tinha verificado relativamente aos jornais desportivos. Neste caso, a "distinção entre géneros", como Rebelo (2002, p.128) refere, não foi tão difícil de realizar.

O *Correio da Manhã* só fez notícias breves para retratar o europeu de andebol, a grande maioria delas com um parágrafo apenas. Estas notícias limitam-se a reportar o resultado do jogo de Portugal, o próximo adversário da equipa e os objetivos pelos quais a mesma lutava. Foi uma fórmula reutilizada pelo jornal nas primeiras oito peças sobre o europeu, sendo depois a última a única entrevista feita durante esta análise (ao treinador, Paulo Pereira). .

O *Público* fez apenas duas crónicas, ambas após vitórias de Portugal, a 12 e a 20 de janeiro. O que distinguiu estes textos das notícias que o jornal publicou foram os comentários dos jornalistas. No primeiro deles, é dito que "não se esperava outra coisa" além da vitória e que Portugal teve "uma entrada *soft* no torneio"[41]. O segundo foi talvez o texto mais elogioso da seleção portuguesa entre os jornais generalistas. Foi escrito que, "a cada dia que passa, a seleção portuguesa de andebol vai confirmando os seus créditos como uma potência", após "desafiar o favoritismo" do adversário, tendo a peça terminado assim: "A seleção nacional (…) foi brilhante na forma como manteve os eslovenos à distância até ao fim"[42].

Estes foram os artigos que, segundo o modelo de Rebelo (2002, p. 130), envolveram um maior investimento por parte do jornal, sobretudo por se "reunir o máximo de informações e de comentários sobre a ocorrência. Depois, à medida que se avança na narrativa, vão-se retendo, apenas, os aspetos mais relevantes até se chegar ao decisivo" (Rebelo, 2002, p.133). Esta é

[41] *Público*, 12 de janeiro de 2024, p. 37.
[42] *Público*, 20 de janeiro de 2024, p 55.

exatamente a estrutura destes dois textos em causa: começam com uma parte mais elogiosa, que depois se justifica com a vitória da seleção portuguesa, na conclusão.

Olhamos agora para o espaço disponibilizado nas páginas destes jornais para imagens.. A tabela n.º 4 mostra o tamanho de cada imagem publicada nestes órgãos noticiosos.

Tabela 4 – Tamanho das imagens do europeu nos jornais generalistas

Tamanho das imagens	***PÚBLICO***	***CORREIO DA MANHÃ***	***EXPRESSO***
Até ¼ de página	14	3	1
Entre ¼ e meia página	1	0	0
Mais de meia página	0	1	0
Total de imagens utilizadas	15	4	1

Foram publicadas 20 imagens sobre o europeu nestes jornais, menos 133 das que surgiram nos desportivos. E a grande maioria (90%) delas são pequenas. O *Público* publicou uma única imagem de mais de ¼ de página (a 12 de janeiro, após a vitória de Portugal sobre a Grécia no primeiro jogo do europeu) e o *Correio da Manhã*, apesar de só ter utilizado quatro fotografias da competição, publicou uma com mais de meia página – a de Paulo Pereira, que acompanhou a sua entrevista ao jornal, publicada a 27 de janeiro. Todas as peças do *Público* sobre o europeu tiveram uma fotografia. Já no *Expresso* só existe fotografia na edição de 26 de janeiro, de Martim Costa a rematar.

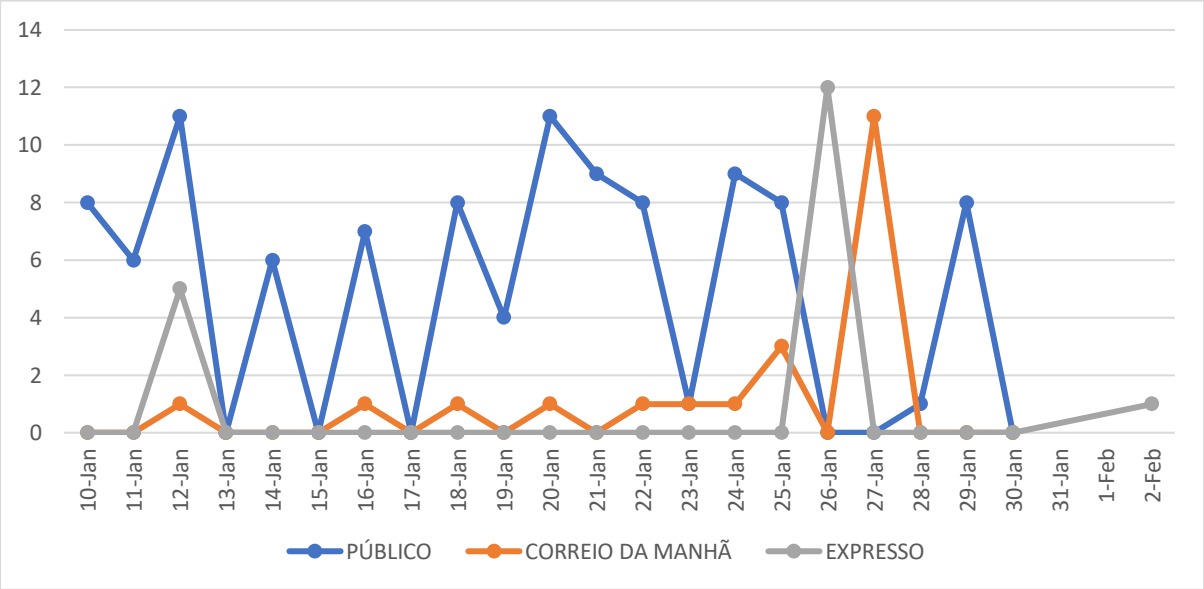
Note-se um aspeto curioso do registo fotográfico destes jornais: as legendas das fotografias de jogadores da seleção portuguesa raramente identificavam os seus nomes. Esperava-se a sua identificação clara, sendo essa uma das funções da legenda, ajudando o leitor a compreender melhor a imagem. Todavia, isso não se verificou, configurando uma clara lacuna nesta cobertura jornalística.

O treinador Paulo Pereira foi o único que foi sempre identificado nas legendas das fotografias em que surgia. Uma vez mais, Martim Costa foi o jogador mais representado nas fotografias,

protagonizando cinco delas, mas só por uma vez foi identificado na legenda – pelo *Expresso* (a 26 de janeiro). O Anexo 2 inclui todos os jogadores que surgem em fotografias, salientando aqueles cujos nomes foram identificados.

Passando ao espaço que cada jornal ocupou com o europeu de andebol, o gráfico n.º 11 mostra o número de parágrafos que os artigos tiveram.

Gráfico n.º 11 – Extensão dos artigos publicados nos jornais generalistas ao longo do tempo



É desde logo notória a quantidade de artigos do *Correio da Manhã* com apenas um parágrafo. Só em dois dias essa extensão foi ultrapassada, sendo que na grande maioria das vezes, a breve era tão curta que se podia contar o número de palavras dedicadas ao europeu de andebol. Só duas peças tiveram mais de um parágrafo: um balanço da participação de Portugal no europeu a 25 de janeiro e uma entrevista, no dia 27, a Paulo Pereira, que ocupou 11 parágrafos. Após fazer os seus dois maiores artigos sobre o europeu, o *Correio da Manhã* fechou a cobertura do evento.

Com um destaque muito mais consistente, o *Público* fez artigos com pelo menos seis parágrafos nos primeiros três dias de análise, destacando primeiro o europeu em si e depois focando-se em Portugal. A 12 de janeiro, no primeiro jogo da equipa, o texto aumentou para 11 parágrafos, sendo o primeiro de dois que o jornal publicou.

O *Público* publica, a partir daí, apenas um texto após os jogos de Portugal, a 14, 16 e a 18 de janeiro, ainda que ao todo tivessem, no mínimo, seis parágrafos. Com os resultados positivos

de Portugal, o *Público* realizou, pela primeira vez numa semana, uma antevisão a um jogo da equipa (19 de janeiro) antes de fazer o segundo artigo com 11 parágrafos nesta análise no dia seguinte. O motivo foi a vitória sobre a Eslovénia – a quarta de Portugal em cinco jogos.

O *Público* ainda dá alguma atenção ao 7.º lugar de Portugal no europeu e a qualificação para o torneio pré-olímpico nos dias seguintes. Todavia, a cobertura do europeu pelo jornal quase terminava aí, havendo apenas uma notícia breve a 28 de janeiro a indicar os resultados das meias-finais do europeu e um texto de oito parágrafos no dia seguinte focado nessa mesma final. Em média, nos dias em que o *Público* noticiou o europeu de andebol, as peças tiveram sete parágrafos. Recordando que a média do *Record* neste domínio foi de 7,5 parágrafos, é de assinalar o investimento que o *Público* fez na divulgação do europeu de andebol em termos de extensão dos seus artigos, que foi quase o mesmo de um dos principais órgãos da imprensa especializada.

No que toca ao *Expresso*, só foi publicada uma peça que mereça destaque entre os jornais generalistas. Na edição de 26 de janeiro, o jornal investiu em 12 parágrafos – o maior artigo de qualquer dos jornais generalistas incluídos neste trabalho – para fazer o balanço da participação de Portugal no europeu (com o auxílio de Martim Costa, que falou em exclusivo ao jornal). Refira-se ainda que este foi o segundo maior artigo da secção desportiva do jornal (o maior foi dedicado ao futebol), apesar de estar inserido na última página da mesma.

O campeonato europeu de andebol não foi um dos principais destaques desportivos por parte dos jornais generalistas, tanto que a competição nunca foi mencionada em nenhuma das suas capas. No entanto, outras modalidades figuraram na primeira página e, por isso, é relevante identificar que outros acontecimentos/modalidades estes órgãos consideraram ser mais importantes do que o tema em estudo.

Por seis vezes ao longo da minha análise, o *Público* mencionou desporto na sua capa. O futebol foi o mais destacado em cinco dessas vezes e sempre tendo como foco o campeonato nacional.

Só a 21 janeiro é que o jornal destacou uma outra modalidade que não o futebol na sua capa: neste caso, tratou-se da qualificação do tenista Nuno Borges para os oitavos de final do Open da Austrália.

O *Correio da Manhã* e o *Público* valorizam, de forma diferente, o desporto nas suas capas. O primeiro inclui sempre, pelo menos, três notícias futebolísticas na primeira página, assim como, no mínimo, duas fotografias. No entanto, o futebol é mesmo a única modalidade que merece

espaço nas primeiras páginas do jornal, e o foco é sempre o mesmo: a atualidade de SL Benfica, Sporting CP e FC Porto. Aliás, só numa ocasião (23 de janeiro) é que não apareceram todos estes três clubes na capa (com a ausência do FC Porto). Por sua vez, o *Público* só colocou nove notícias e cinco imagens relacionadas com desporto na capa durante o período em análise. O futebol foi o principal tema (seis chamadas de capa), havendo ainda uma para o ténis e duas para as condições do Centro de Alto Rendimento do Jamor.

Já o *Expresso* nunca mencionou qualquer acontecimento desportivo na sua capa, apesar de esta até ser maior do que as do *Público* e do *Correio da Manhã*, uma vez que o jornal tem o estilo *broadsheet*.

3.3 - Análise dos telejornais

Passamos agora à análise e discussão de dados de um outro suporte: a televisão. Neste caso, estudamos os telejornais de *prime time* dos três principais canais generalistas portugueses: *RTP1*, *SIC* e *TVI*, respetivamente os programas *Telejornal*, *Jornal da Noite* e *Jornal das Oito*, todos eles transmitidos diariamente às 20h.

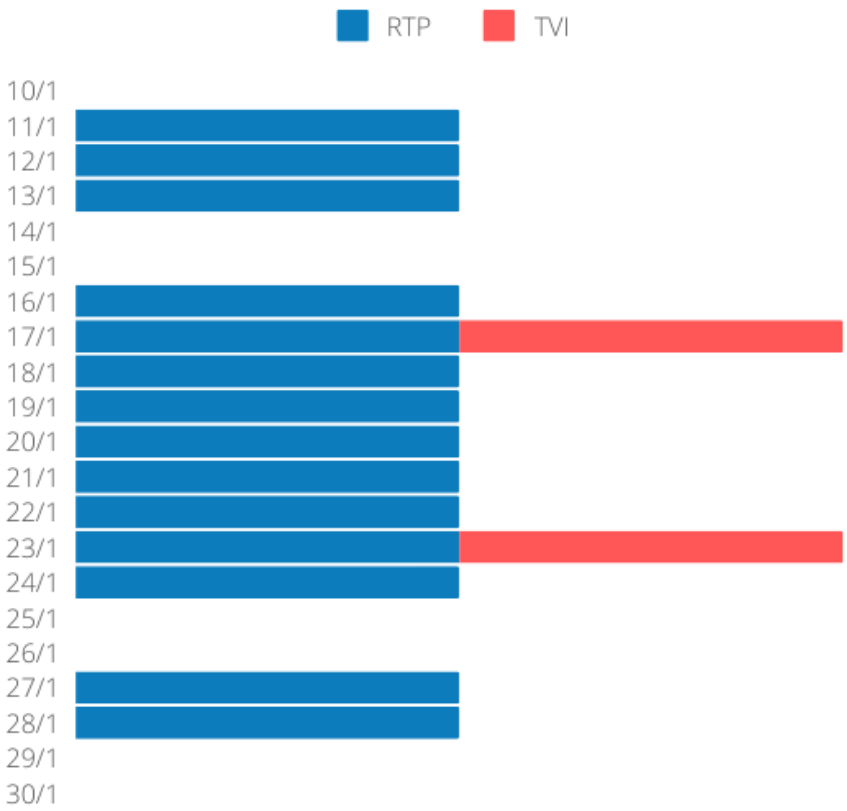
Antes de passar à análise, é de referir que a *SIC* não fez qualquer peça sobre o campeonato europeu de andebol. A maioria das edições do *Jornal da Noite* observadas tinham uma secção desportiva, mas o tema em estudo nunca foi mencionado. Não deixa também de ser relevante que o canal que teve o noticiário com maior audiência no mês de janeiro[43] ignore o europeu de andebol. Esse facto mostra também a falta de interesse nesta modalidade e a pouca relevância que lhe é conferida. A *TVI* seguiu praticamente o mesmo caminho e só abordou o europeu em duas ocasiões. Já a *RTP1* fê-lo 14 vezes. Em termos de cobertura, o serviço público de televisivo destaca-se claramente. Portanto, esta parte da análise incidirá sobre 16 peças jornalísticas televisivas.

É de mencionar também que a *RTP1* tinha os direitos de transmissão do europeu de andebol em Portugal e transmitiu em direto, na *RTP2*, todos os jogos da seleção de Portugal. Jogos esses que ocorreram sempre durante a tarde.

O gráfico que se segue (nº 12) revela os dias em que a *RTP1* e a *TVI* noticiaram, nos seus telejornais, o europeu de andebol.

[43] Fonte: https://eco.sapo.pt/2024/02/07/sic-e-tvi-separadas-por-duas-decimas-em-janeiro/.

Gráfico n.º 12 – Dias em que o europeu de andebol foi mencionado nos telejornais *da RTP1* e *TVI*



A primeira ilação a retirar deste gráfico é que o maior destaque que a *RTP1* deu ao europeu foi motivado pelos jogos de Portugal (que ocorreram, recorde-se, nos dias 11, 13, 15, 17, 19, 21 e 23 de janeiro). Tal como já acontecera com a imprensa, é a seleção nacional, os jogos que faz e as vitórias que conquista que motivam a cobertura do europeu.

Tal reflete-se no telejornal da *RTP1* logo ao início, ao destacar os triunfos de Portugal nos primeiros dois jogos, mas não mostrando a derrota contra a Dinamarca no dia 15. No dia seguinte, esse resultado nem é mencionado, quando se faz uma antevisão à "Main Round". São nove os dias seguidos em que, a partir desta data (16 de janeiro), a *RTP1* abordou o europeu, tirando partido do enviado especial que tinha na Alemanha para obter, muitas vezes, declarações em exclusivo dos jogadores.

É também durante este período que o *Jornal das Oito* da TVI faz as suas únicas notícias sobre o europeu, motivadas pelos dois dias mais relevantes para Portugal na competição: a vitória sobre a Noruega e a eliminação da prova. A primeira peça, que retrata a Noruega como "uma das maiores potências do andebol", até fala da seleção de Portugal na segunda pessoa do plural. O jornalista chega a afirmar que "vencermos a Noruega foi o resultado histórico"[44]. Trata-se

[44] *Jornal das Oito*, *TVI*, 17 de janeiro de 2024.

de um discurso de união e de representação nacional naquela equipa de andebol que, como explica Coelho (2001), cria uma "sensação de unidade, de comunhão entre os indivíduos pertencentes a uma «grande» identidade coletiva correspondente à comunidade política e cultural que é a «nação»" (p. 73). O mesmo autor, na mesma obra, acrescenta que os média portugueses "consideram «nossas» (...) ou de «todos os portugueses» os sucessos dos «nossos representantes» em qualquer competição desportiva internacional" (p. 73), que é exatamente o que a *TVI* fez neste caso.

Este tipo de discurso não é utilizado pela *RTP1*, que se refere sempre à seleção na terceira pessoa do singular. Este canal tem, sim, um discurso mais lírico na reportagem que fez no dia 18, sobre a cidade de Hamburgo (onde a seleção portuguesa estagiava e jogava). É aqui que a expressão "Heróis do Mar" é utilizada pela única vez na televisão portuguesa durante o europeu e se utilizam elementos mais metafóricos, como, por exemplo, dizer que a vitória sobre a Noruega fora como "um canto de sereia" que "atracou" nas margens do rio Elba, em Hamburgo[45].

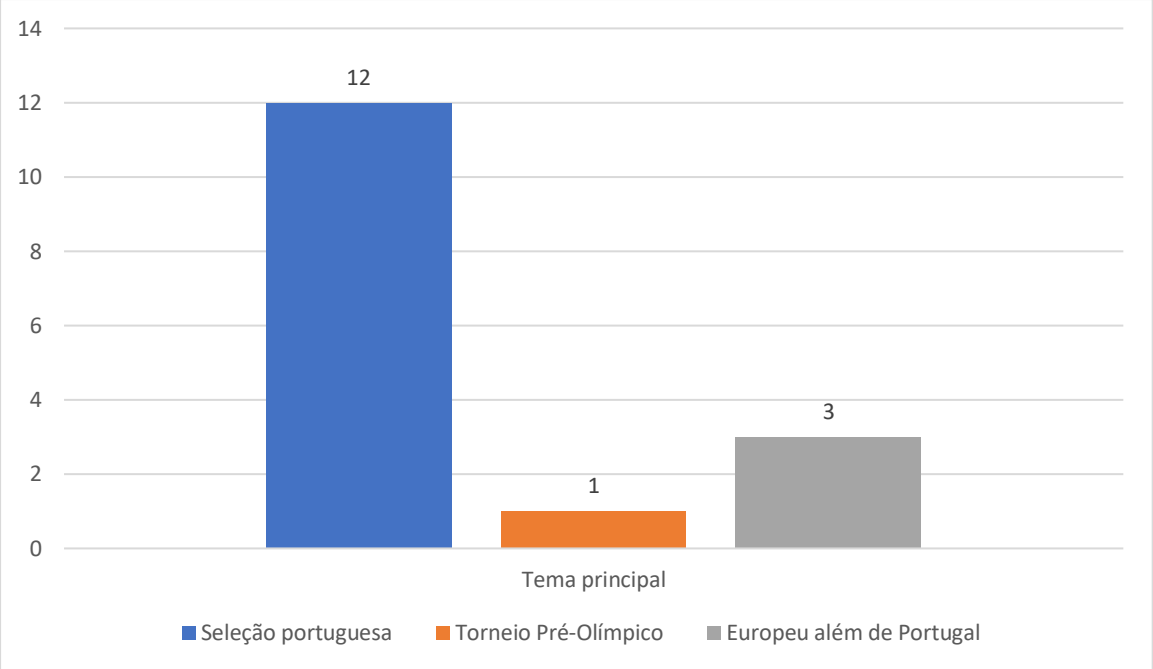
A TVI aborda de novo o europeu a 23 de janeiro, fazendo o resumo do jogo com os Países Baixos. No entanto, o órgão dá uma informação errada, dizendo que Portugal "não conseguiu qualificar-se para o torneio pré-olímpico"[46]. Portugal ainda podia garantir a qualificação para o torneio mediante outros resultados – que se vieram a verificar – mas que a TVI não explicitou. Note-se também o facto de, dado que Portugal não venceu o jogo, o canal já não tratou a seleção na segunda pessoa do plural.

A *RTP1*, pelo contrário, não cometeu o mesmo erro e, no dia 24, a principal notícia em torno do europeu de andebol é precisamente a qualificação de Portugal para o torneio pré-olímpico. A cobertura deste canal sobre o europeu termina nos dias 27 e 28 de janeiro, com foco, primeiro, na divulgação dos adversários de Portugal no torneio pré-olímpico e depois no resumo da final da prova, entre França e Dinamarca.

Quanto aos temas que os telejornais mais vezes abordaram, mostram-se, em primeiro lugar, aqueles que foram os temas principais das 16 peças analisadas.

Gráfico n.º 13 – Tema principal das peças sobre o europeu de andebol nos telejornais da *RTP 1* e *TVI*

[45] *Telejornal*, *RTP1*, 18 de janeiro de 2024.
[46] *Jornal das Oito*, 23 de janeiro de 2024.



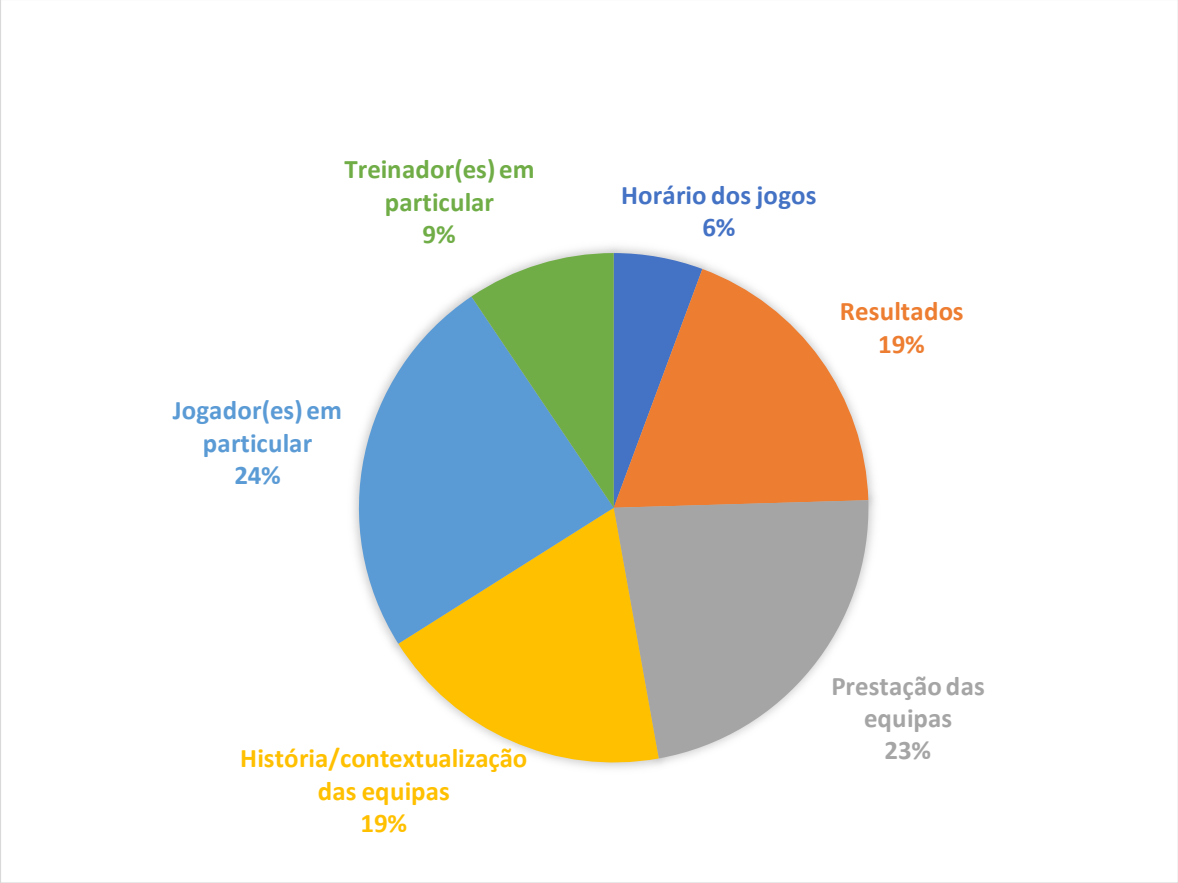
Fica assim confirmado que, no cômputo geral, quando estes dois canais nacionais trataram da cobertura do europeu de andebol, o foco das peças foi maioritariamente a seleção de Portugal, ao invés do europeu em si.

Ao longo do europeu, a *RTP1* passou sete resumos de jogos – seis deles foram de Portugal e um o da final do campeonato. As restantes peças sobre a seleção faziam a antevisão dos seus jogos. O canal também se destacou por fazer duas reportagens sobre a cidade de Hamburgo, nas quais apresentou um panorama mais geral sobre a envolvência do europeu, algo que nenhum órgão da imprensa fizera. Estas peças podem ser vistas como tentativas de criar elementos de ligação entre aspetos sociais e culturais e o desporto do andebol, procurando aproximar a generalidade do público do europeu, eventualmente gerando assim mais interesse na prova. Algo que era, de resto, de todo o interesse da *RTP*, já que o seu canal 2 é que transmitia os jogos de Portugal.

A única notícia televisiva focada no torneio pré-olímpico também foi da *RTP1*, a 27 de janeiro. Já as únicas duas peças da *TVI* focaram-se no desempenho de Portugal em dois jogos do europeu.

Relativamente aos restantes temas que foram abordados pelos telejornais, o gráfico que se segue (n.º 14) mostra-nos os resultados a que chegamos.

Gráfico n.º 14 – Temas abordados no europeu de andebol pelos telejornais da *RTP1* e *TVI*



Algo que podemos, desde logo, destacar é que este gráfico n.º 14 é muito semelhante ao gráfico n.º 2, que mostrava os temas abordados pelos jornais desportivos no europeu de andebol. A televisão e a imprensa especializada estiveram bastante próximos nos elementos considerados relevantes para a cobertura desta competição.

Uma ligeira diferença entre as duas é que os jornais desportivos deram um pouco mais de ênfase às prestações das equipas, nomeadamente através de um discurso mais elogioso a um maior número de seleções. A televisão (e a *RTP1* sobretudo) abordou os jogos de forma mais factual e descritiva. Após a vitória de Portugal com a Noruega, a peça da *RTP1* apenas menciona que tal resultado não ocorria há 20 anos, por exemplo, não usando adjetivos para classificar a vitória.

O foco nos jogadores foi bastante idêntico ao que se viu nos jornais desportivos – estes a protagonizaram 24% das peças televisivas através, muitas vezes, de declarações. Foi o tema secundário mais vezes mencionado, tendo a *RTP1* destacado 12 jogadores distintos. Ao contrário do que aconteceu na imprensa, Martim Costa não foi o jogador com maior número de menções, mas sim o guarda-redes Diogo Rêma, que recebeu algum destaque por ter apenas 19 anos e se ter exibido a um bom nível. O Anexo 4 contabiliza todas os atores mencionados

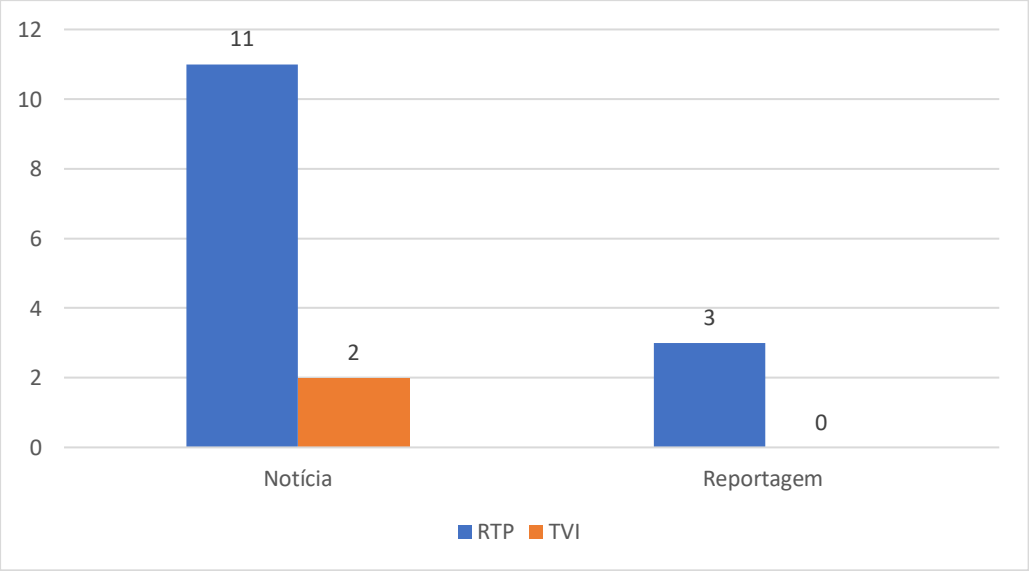
pelos telejornais – sendo que a *TVI* só destacou um jogador nas suas duas notícias, precisamente Diogo Rêma.

A *RTP1* também fez questão de contextualizar a posição de Portugal no europeu, salientando várias vezes que o objetivo primordial era alcançar a qualificação para o torneio pré-olímpico. Houve tanto foco, aliás, no relato destas histórias como nos resultados da prova.

Por fim, os treinadores não foram um grande atrativo para as televisões. A *RTP1* só obteve por uma vez declarações de Paulo Pereira, que nunca sequer foi mencionado pela *TVI*. Curiosamente, os horários dos jogos também foram pouco abordados, o que é um pouco surpreendente, tendo em conta que a *RTP*2 transmitia em direto as partidas de Portugal, algo que o primeiro canal da *RTP1*, só por uma vez mencionou nas peças analisadas.

Prosseguindo a análise com os géneros jornalísticos das televisões, recorre-se de novo à obra de José Rebelo (2002) para abordar este aspeto, no que respeita aos telejornais (gráfico nº 15).

Gráfico n.º 15 – Géneros jornalísticos das peças dos telejornais da *RTP1* e *TVI*



A *RTP1* foi o único canal que transmitiu reportagens sobre o campeonato europeu de andebol. Uma vez mais, o serviço público televisivo destaca-se, dando espaço e abordando de formas variadas esta modalidade desportiva. O canal produziu mais reportagens (três) do que o conjunto de todos os outros órgãos noticiosos que fazem parte desta análise (que foi só uma, de *O Jogo*). Tirou proveito do facto de ter um enviado especial na Alemanha (o que só por si revela a relevância conferida a esta prova) e apostou claramente neste género jornalístico para produzir conteúdos diferentes de tudo o que os outros média observados fizeram.

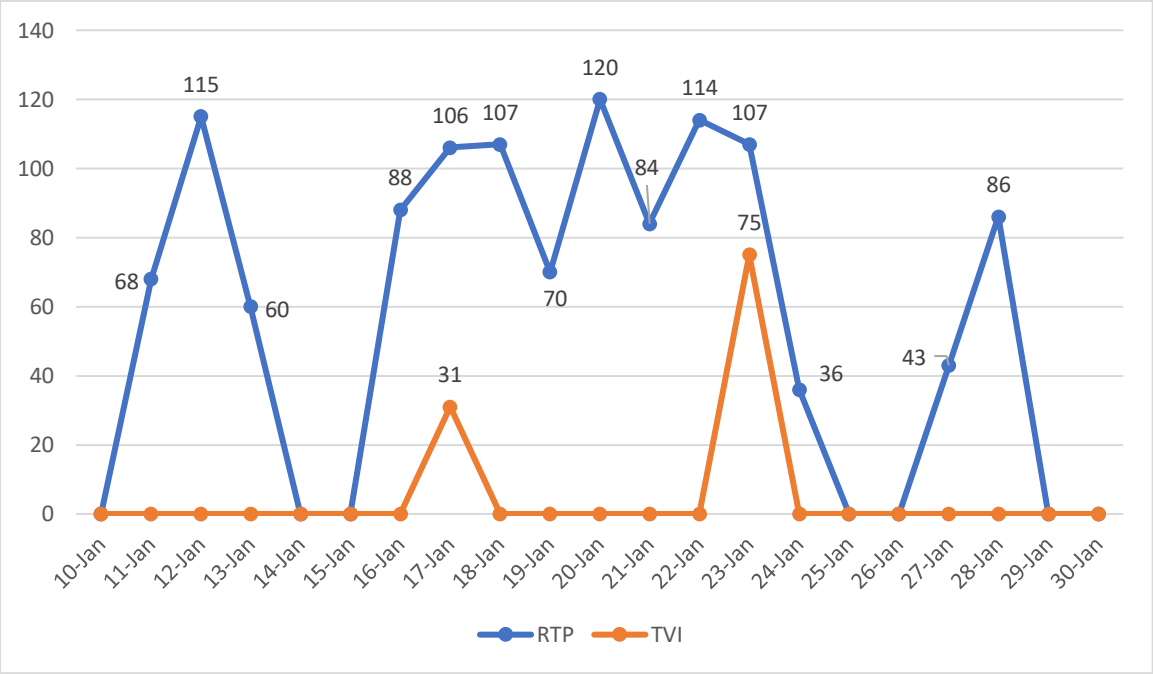
Partindo da abordagem apresentada por Rebelo (2002, p.128), a reportagem é o estilo narrativo que implica maior investimento, comparado com o relato, *fait-divers*, retrato biográfico e

retrospetiva – todos estes géneros podem ser feitos a partir da redação. A reportagem distingue-se por implicar a presença do(s) jornalista(s) no terreno e "elementos de informação obtidos, exclusivamente, pelo jornalista" (Rebelo, 2002, p.129). Estes foram aspetos dos quais a *RTP1* tirou vantagem por ser o único órgão, dos abordados nesta investigação, que esteve presente na Alemanha.

De resto, há uma enorme prevalência de notícias em relação a outros géneros, tal como já tinha ocorrido na imprensa – 81% das peças sobre o europeu, na televisão, foram notícias, valor esse que foi de 77% para os jornais desportivos e de 85% para os generalistas.

Olhando agora para o tempo que foi disponibilizado para noticiar o europeu de andebol, o gráfico n.º 16 mostra a duração de cada peça televisiva.

Gráfico n.º 16 – Duração das peças dos telejornais da *RTP1* e *TVI* sobre o europeu de andebol (em segundos)



Na *RTP1* as peças com maior duração referiram-se à fase em que Portugal integrou a "Main Round" do europeu, entre os dias 16 e 23 de janeiro. Todas as peças neste período tiveram mais de um minuto e mostram, uma vez mais, que Portugal teve de alcançar bons resultados para ter este tipo de destaque. Não nos parece que foi por acaso que a *TVI* transmitiu uma peça de 75 segundos no final desta participação, a 23 de janeiro, quando, antes disso, a única notícia transmitida tinha tido 31 segundos, no dia 17 do mesmo mês.

A maior peça da *RTP1* foi uma reportagem de dois minutos, emitida a 20 de janeiro, sobre um bairro português na cidade de Hamburgo. Outra peça semelhante (em género e conteúdo

jornalístico) teve 107 segundos (a 18 de janeiro) e mostra a que o órgão procurou histórias em torno do europeu foram do âmbito estrito dos jogos.

Quando a *RTP1* abordou o europeu, a média de duração das peças foi de 86 segundos – um valor que não é baixo, tendo em conta que o andebol não costuma ser incluído na (já curta) secção de Desporto do *Telejornal*. Ao longo de todo o europeu, a *RTP1* dedicou pouco mais de 20 minutos de ecrã (1204 segundos) a cobrir um tema.

Por outro lado, voltando às estacões privadas, os dois canais com maior audiência em Portugal no mês de janeiro de 2024[47], muito se pode dizer do facto de a *TVI* ter apenas dedicado, no total, 106 segundos ao europeu de andebol, enquanto a *SIC* nem sequer o mencionou, quando ambos têm telejornais com mais de uma hora de duração. Reflete também o que já se verificara com o *Correio da Manhã*: os órgãos de comunicação social portugueses com maior audiência ou tiragem não valorizaram nem deram importância ao campeonato europeu de andebol. Muitas vezes, foi apenas uma nota de rodapé para estes órgãos, e, por vezes, sobretudo no caso da *SIC*, nem isso.

[47] Fonte: https://eco.sapo.pt/2024/02/07/sic-e-tvi-separadas-por-duas-decimas-em-janeiro/.

Conclusão

Esta dissertação teve como objetivos principais estudar e caracterizar a cobertura de uma competição internacional de andebol por parte dos média nacionais, comparando o trabalho dos diferentes órgãos de comunicação social analisados, e contribuir para o avanço do conhecimento do jornalismo desportivo. Neste sentido, definiu-se a seguinte questão de partida para esta investigação: qual o espaço dado ao Campeonato da Europa de andebol de 2024 nos jornais desportivos, generalistas e nos telejornais portugueses? Foram estudados os jornais desportivos *A Bola*, *Record*, *O Jogo*, os generalistas *Público*, *Correio da Manhã* e *Expresso* e os telejornais, de horário nobre, da *RTP1*, *SIC* e *TVI*.

Após a recolha dos dados dos órgãos de informação, procedeu-se a uma análise de conteúdo, tendo em consideração categorias definidas com o propósito de responder à questão levantada, assim como a outras questões entretanto formuladas. Os resultados obtidos permitem-nos, cremos, chegar a conclusões que nos ajudam a compreender melhor a realidade da cobertura jornalística de uma modalidade desportiva que não o futebol e, em particular, num momento em que a realização de um Campeonato da Europa lhe poderia conferir uma maior visibilidade do que aquela que tem habitualmente.

Este foi um momento particularmente relevante na história do andebol (e do desporto) português, o que reforça a pertinência desta investigação. Acresce que a escassez de trabalhos sobre a cobertura jornalística de modalidades além do futebol também faz com que a análise que realizámos revele novas informações sobre a prática do jornalismo desportivo em Portugal.

Uma das conclusões que, desde logo, destacamos da análise dos dados recolhidos é a de que o tema central da cobertura jornalística dos órgãos de informação relativa a este europeu foi a seleção de Portugal e não a própria competição, ou outros aspetos com ela relacionados.

Foi necessário Portugal obter bons resultados para o europeu ser destacado nos média. Enquanto algumas vitórias sobre outras seleções eram celebradas, houve resultados menos positivos para a equipa nacional que não foram mencionados nos média. A cobertura jornalística deixou, portanto, de fora alguns momentos importantes da competição, relativos à participação portuguesa. Mesmo após a eliminação da seleção, o europeu continuou a ser abordado pelos média através da equipa portuguesa (sobretudo

com as entrevistas ao treinador Paulo Pereira ou as notícias sobre as conquistas individuais do jogador Martim Costa).

Como se verificou com a análise realizada, o campeonato europeu de andebol teve pouco espaço nos média, ainda que a seleção nacional tenha alcançado a segunda melhor classificação de sempre numa competição europeia. O futebol continua a ser o grande protagonista mediático, tal como acontece há mais de 100 anos (Pinheiro, 2024, p. 269).

Célia Gouveia afirma que o futebol tem "uma enorme importância, abriu espaço para o surgimento de um tipo de jornalismo baseado no entretenimento, no imediatismo e com a particularidade de ter como protagonistas inúmeras celebridades" (Gouveia, 2024, p. 276). No andebol isso não se verifica, uma vez que não existem celebridades nacionais nesta modalidade, o que também pode ajudar a explicar o pouco destaque que este europeu teve.

O andebol é apenas mais uma modalidade extrafutebol, que tem de dividir o espaço nos média com todos os outros desportos, mesmo quando se trata de um momento excecional para a modalidade, como é um campeonato europeu. Praticamente não houve espaço para apresentar os objetivos que a seleção nacional tinha nesta competição, dar a conhecer a equipa e a sua história com profundidade. A atenção que foi dada a estes aspetos foi sempre limitada em termos de frequência e de espaço. Menos ainda se abordou os problemas e desafios que a modalidade e a seleção nacional de andebol enfrentam na atualidade.

Se o jornalismo poderia ter aproveitado para dar relevo a esses aspetos um momento de maior interesse na modalidade devido ao campeonato europeu, isso não aconteceu. "É o limite do nosso fado"[48], disse Paulo Pereira a *O Jogo*, aquando do seu regresso a Portugal após a competição. O selecionador referia-se ao que a equipa poderia ter alcançado no europeu, que se refletia na falta de investimento e de interesse no próprio andebol português, sobretudo quando comparado com as realidades de outros países.

É de destacar também que ao longo de toda a cobertura do europeu de andebol, a notícia foi o género jornalístico predominante - utilizada em sensivelmente 80% das 104 peças analisadas. Houve ainda uma utilização considerável de notícias breves, na maioria dos órgãos generalistas – no *Correio da Manhã*, por exemplo, o europeu foi praticamente

[48] *O Jogo*, 25 de janeiro de 2024, p. 29.

abordado através de peças de um parágrafo –, o que tornou a cobertura jornalística mais superficial e com pouca diversidade (de temas, atores sociais e ângulos de abordagem).

Dos restantes géneros, é de notar também que as reportagens, o perfil e as entrevistas realizadas, além de existirem em número reduzido, só se publicaram após as primeiras vitórias de Portugal na competição.

No que respeita às chamadas de capa - que só se verificaram nos jornais desportivos - o padrão foi semelhante, com a maior parte a surgir, sobretudo, no período de 18 a 24 de janeiro, quando Portugal obteve vitórias muito celebradas que resultaram na segunda melhor participação da seleção num europeu. Só *A Bola* destacou mais a competição antes de Portugal começar a jogar e, principalmente, começar a ganhar. O *Record* e *O Jogo* fizeram o contrário, incluindo algumas notícias nas respetivas capas após a eliminação de Portugal da prova.

Houve também diferenças entre a imprensa especializada e a imprensa generalista relativamente à cobertura deste evento, designadamente em termos dos temas abordados. A imprensa generalista deu uma ênfase muito maior aos resultados dos jogos em detrimento do destaque a jogadores. Ao contrário da imprensa especializada, que incluiu sempre citações dos intervenientes ao longo dos artigos, a imprensa generalista raramente o fez, o que resultou em textos mais descritivos sobre os jogos. Ainda assim, tanto o *Público* como o *Expresso* procuraram diferentes ângulos e abordagens para noticiarem o europeu, diferenciando-se nesse aspeto dos jornais desportivos.

Note-se, de qualquer modo, que os média generalistas não demonstraram muito interesse neste tema. O *Expresso* não o referiu na edição de 19 de janeiro, a meio do europeu, a *SIC* nunca o mencionou e a *TVI*, numa das duas vezes que o noticiou, transmitiu informações erradas, denotando alguma falta de conhecimento do assunto. A cobertura televisiva, nas televisões privadas foi, de facto, muito reduzida.

Apenas a *RTP*, a televisão pública, teve um enviado especial na Alemanha, o que proporcionou algumas peças jornalísticas - nomeadamente reportagens - diferentes de tudo o que os outros órgãos analisados neste trabalho fizeram. Nenhum deles achou relevante ter um jornalista a cobrir *in loco* o europeu (o que seria, parece-nos, impossível no caso de uma competição internacional de futebol), o que, sem dúvida, daria perspetivas diferentes sobre a prova. Traria os acontecimentos, os detalhes, as figuras, as fontes, em síntese, as informações que praticamente só se conseguem no

local. De resto, constatou-se, frequentemente, nos média desportivos, a utilização nas suas peças das mesmas declarações dos jogadores – normalmente recolhidas pela *Agência Lusa* ou pela FAP – o que tornou alguns artigos muito semelhantes.

Em relação ao espaço dado ao europeu, o órgão generalista que mais se destacou foi, efetivamente, o *Público*, que, apesar de nem sempre ter noticiado o europeu durante o período em análise, publicou artigos com uma extensão que rivalizou com a dos jornais desportivos (teve uma média de sete parágrafos por artigo, sendo que a média do *Record* foi de 7,5). Este foi também o único órgão generalista a fazer avaliações frequentes às exibições de Portugal.

Em síntese, há a destacar que houve pouco investimento na cobertura jornalística do europeu de andebol por parte dos média nacionais. Naturalmente, isso é mais evidente na imprensa generalista do que na desportiva. Mas mesmo a imprensa desportiva foi pouco ambiciosa ao noticiar o europeu, não indo, em geral, muito além das descrições dos jogos.

Seria interessante, numa investigação futura, proceder à comparação dos resultados aqui obtidos com os de uma análise da cobertura jornalística dos campeonatos europeus de andebol anteriores, procurando compreender linhas de continuidade e as mudanças que têm ocorrido.

Referências Bibliográficas

Academia das Ciências de Lisboa (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Editora Verbo: Braga;

Associação Portuguesa Para O Controlo De Tiragem E Circulação (s. d.). APCT. Consultado a 2 de janeiro de 2024 em: https://www.apct.pt/analise-simples;

Coelho, J. N. (2001). *Portugal – a equipa de todos nós: Nacionalismo, futebol e media. A reprodução da nação nos jornais desportivos*. Porto: Edições Afrontamento;

Conde, B. (2005), *Periodismo Especializado*. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias;

Correia, J. C., (2004). *Média e Desporto - Média, desporto e identidades: percursos de análise*. Edições Minerva: Coimbra;

Dinis, R., Miranda, T. (2022, 29 de março). *"Santos Silva, o patriota, tem uma missão: combater os nacionalistas"*. Expresso. Consultado a 2 de julho de 2024 em: https://expresso.pt/politica/2022-03-29-Santos-Silva-o-patriota-tem-uma-missao-combater-os-nacionalistas-f4674cc8;

European Handball Federation. (2023, 3 de julho). *EHF Men's National Team Ranking*. Eurohandball. Consultado a 2 de janeiro de 2024 em: https://www.eurohandball.com/media/zwclb4h4/2025mwch_nt-ranking__after-2023mwch.pdf;

European Handball Federation. (s. d.). *EHF Euro History*, Eurohandball. Consultado a 2 de janeiro de 2024 em: https://ehfeuro.eurohandball.com/men/2024/fan-corner/ehf-euro-history/;

Esteves, A. (2010), *Os critérios económicos como fatores predominantes na construção das manchetes da imprensa diária desportiva - Análise das primeiras páginas de A Bola, O Jogo e Record durante 2010* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Coimbra: Faculdade de Letras;

Federação de Andebol de Portugal (s. d.). *História do Andebol*. Portal FPA. Consultado a 3 de janeiro de 2024 em: https://portal.fpa.pt/a-federacao/historia/;

Federação de Andebol de Portugal (s. d.). *Seleção Nacional A Masculina*. Portal FPA. Consultado a 3 de janeiro de 2024 em: https://portal.fpa.pt/seleccoes/selecao-a-masculina/;

Federação de Andebol de Portugal (s. d.). *A Federação*. Portal FPA. Consultado a 3 de janeiro de 2024 em: https://portal.fpa.pt/a-federacao/;

Expresso (2010, 27 de janeiro). *Jornal "A Bola" comemora 65 anos*. Consultado a 11 de setembro de 2024 em: https://expresso.pt/arquivo/desporto/jornal-a-bola-comemora-65-anos=f560424;

Ferreira, C. B., Simões, D., Amaral, H. (2023, 22 de dezembro). *"O Nosso modelo de negócio é digital first. Não há volta a dar", diz o diretor-geral da A Bola*". ECO. Consultado a 11 de setembro em: https://eco.sapo.pt/entrevista/o-nosso-modelo-de-negocio-e-digital-first-nao-ha-volta-a-dar-diz-o-diretor-geral-da-bola/;

Fontcuberta, M. (1999), *A Notícia – pistas para compreender o mundo*. Lisboa: Editorial Notícias;

Gouveia, C. (2024). *Jornalismo de Futebol e a sua linguagem: uma perspetiva diacrónica*. In J. Lourenço (Coord.) *Jornalismo de Especialidade*. Vol. I. Lisboa: Livros Horizonte, 275-298;

Hausleitner, M. (2020, 15 de julho). *Handball in Europe: From Ancient Roots to Unstoppable Growth and Development*. IHF. Consultado a 3 de janeiro de 2024 em https://www.ihf.info/media-center/news/handball-europe-ancient-roots-unstoppable-growth-and-development;

Hargreaves J. (1986), *Sport, Power and Culture.* Cambridge: Polity Press;

Henriques, B. (2016), *Critérios de Noticiabilidade – Diferenças entre o Futebol e as restantes Modalidades. O caso de "aBola", "oJogo" e "Record"* [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social;

International Handball Federation (s. d.). *Men's World Championships*. Archive IHF. Consultado a 3 de janeiro de 2024 em: https://archive.ihf.info/en-us/ihfcompetitions/competitionsarchive/menworldchampionships.aspx;

International Handball Federation (s. d.). *História doa Campeonatos do Mundo de Andebol Masculino*. Consultado a 4 de janeiro de 2024 em: https://archive.ihf.info/upload/statistics/Part1.pdf;

Mesquita, M. (2003). *O Quarto Equívoco. O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra: MinervaCoimbra;

Observador (2018, 11 de novembro). "*Macron adverte contra o nacionalismo, o «oposto de patriotismo»"*. Consultado a 1 de julho de 2024 em: https://observador.pt/2018/11/11/macron-adverte-contra-nacionalismo-o-oposto-de-patriotismo/;

Lambert, C. M., (2019). *Digital Sports Journalism.* Nova Iorque: Routledge;

Lourenço, J. (2024). *A Sociedade do desconhecimento e a necessidade do jornalismo especializado*. In Lourenço J., (Coord.) *Jornalismo de Especialidade*. Vol. I. Lisboa: Livros Horizonte, 31-3.8;

Marchetti, D. (2020). *Os subcampos especializados do jornalismo*. Plural - Revista de Ciências Sociais, Dossiê: "Sociologia do Jornalismo. Por uma agenda de pesquisa", 27 (2): https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/179832/167186;

Mata, M.J. (2004). Fotojornalismo – recensão temática. *Media e Jornalismo*, 3(4), 104-112;

Mesquita, M. (2022). *Introdução à Análise dos títulos da imprensa*. In Cardoso C. R., (Coord.) *Coleção Comunicação e Jornalismo*. Vol. 1. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas;

Novais, R. (2010). *A Representação do Futebol na Imprensa*. Porto: Media XXI;

Olympics (s. d.). *History of Handball*. Olympics. Consultado a 3 de janeiro de 2024 em: https://olympics.com/en/sports/handball/;

Palhares, M. F. S. (2022). *Torcidas organizadas e jornalismo desportivo: discursos sobre violência no futebol* [Tese de Doutoramento]. Universidade de São Paulo: Escola de Educação Física e Desporto;

Pordata (2024, junho). Desporto – Praticantes de todas as federações. Consultado a 30 de agosto de 2024. https://prod2.pordata.pt/db/portugal/ambiente+de+consulta/tabela;

Pinheiro, F. (2010). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Edições Afrontamento: Porto;

Pinheiro, F. (2024). *Jornalismo de desporto: pela mão da bola*. In J. Lourenço (Coord.) *Jornalismo de Especialidade*. Vol. I. Lisboa: Livros Horizonte, 253-273;

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2017). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva: Lisboa;

Ramos, R. (1998). *Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da Alfabetização no Portugal contemporâneo*. Instituto Ciências Sociais da Universidad de Lisboa;

Rebelo, J. (2002). *O discurso do jornal – o como e o porquê*. Lisboa: Notícias Editorial;

Robertson, R. & Giulianotti, R. (2006). *Fútbol, Globalización y Glocalización*. Revista Internacional de Sociologia. 64(45), 9-35;

Rosa, V. (2020). *O desporto em análise*. (1ª ed). Lisboa;

Sobral, L. & Magalhães, P. (1999). *Introdução ao Jornalismo Desportivo*. Lisboa: CENJOR.

Sousa, J. P. (2001), *Elementos do Jornalismo Impresso*. Disponível em chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.kufunda.net/publicdocs/ELEMENTOS_DE_JORNALISMO_IMPRESSO_%20JPSousa.pdf;

Sousa, J. P. (2008). Uma História Breve do Jornalismo no Ocidente. Porto: Universidade Fernando Pessoa. Disponível em: https://www.fepiam.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf;

Tavares, F. (2012). "A especialização jornalística como teoria e objeto: contornos e limites" in *Revista Comunicação Midiática*, v.7, n.1, p.96-116, jan./abr., pp. 96-116;

Torrijos, J. L. (2012). *La futbolización de la información deportiva. Un estúdio de casos de cuatro diários deportivos europeos*. Comunicação & Cultura, (13), p. 77-95. Retirado de: https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2012.629;

Traquina, N. (2004). *A Tribo Jornalística. Uma Comunidade Transnacional*. Lisboa: Editorial Notícias;

Tuchman, G. (1993). "A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas", in N. Traquina (org.) Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias. Lisboa: Vega, pp. 74-90.

ANEXOS

Anexo 1 – Jogadores portugueses mencionados pelos jornais desportivos

	A BOLA	***RECORD***	***O JOGO***	**Total de menções por pessoa**
Paulo Pereira (selecionador)	10	12	11	33
Diogo Rêma	5	6	6	17
Martim Costa	11	12	12	35
Francisco Costa	7	7	10	24
Gustavo Capdeville	2	2	4	8
Rui Silva	3	3	6	12
António Areia	0	1	3	4
Pedro Portela	3	3	8	14
Salvador Salvador	3	0	2	5
Miguel Martins	3	0	3	6
Luís Frade	1	3	5	9
Fábio Silva	2	2	5	9
Pedro Oliveira	0	1	2	3
Seleção	3	4	3	10
Gilberto Duarte	0	1	6	7
João Ferraz	0	0	2	2

Leonel Fernandes	3	2	4	9
Alexandre Cavalcanti	2	1	2	5
Joaquim Nazaré	1	1	3	5
Gonçalo Vieira	0	0	1	1
Ricardo Brandão	0	0	1	1
Total de menções por jornal	59	61	99	219

Anexo 2 – Jogadores que surgem nas fotografias dos jornais generalistas

Atores sociais nas Imagens	***PÚBLICO***	***CORREIO DA MANHÃ***	***EXPRESSO***	**TOTAL**
Paulo Pereira	2 (ambas identificadas)	1(identificado)	0	3
Martim Costa	3	1	1 (identificado)	5
Rui Silva	1	0	0	1
Miguel Martins	2 (só uma delas identificada)	0	0	2
Luís Frade	0	1	0	1
Seleção como um todo	3	1	o	4

Anexo 3 – Jogadores portugueses mencionados pelos jornais generalistas

	PÚBLICO	*CORREIO DA MANHÃ*	*EXPRESSO*	**Total de menções por pessoa**
Paulo Pereira (selecionador)	12	2	2	16
Diogo Rêma	5	0	1	6
Martim Costa	6	0	2	8
Francisco Costa	3	0	1	4
Gustavo Capdeville	3	0	0	3
Rui Silva	1	0	0	1
Pedro Portela	1	1	0	2
Salvador Salvador	0	0	1	1
Luís Frade	3	0	0	3
Fábio Silva	1	0	0	1
Seleção	0	5	0	5
Gilberto Duarte	1	0	0	1
Total de menções por jornal	36	8	7	51

Anexo 4 - Jogadores portugueses mencionados nos telejornais da *RTP1* e *TVI*

	RTP1	*TVI*	**Total de menções por pessoa**

Paulo Pereira (selecionador)	5	0	5
Diogo Rêma	5	1	6
Martim Costa	4	0	4
Francisco Costa	3	0	3
Gustavo Capdeville	5	0	5
Rui Silva	2	0	2
António Areia	1	0	1
Pedro Portela	2	0	2
Salvador Salvador	1	0	1
Miguel Martins	1	0	1
Luís Frade	2	0	2
Fábio Silva	2	0	2
Pedro Oliveira	1	0	1
Total de menções por canal	34	1	35